

***Duas Horas de Leitura***  
**de Camilo Castelo Branco**

1857

ÍNDICE

- Dois santos não beatificados em Roma
- Impressão indelével
- Sete de Junho de 1849
- Do Porto a Braga

## DOIS SANTOS NÃO BEATIFICADOS EM ROMA

### CAPÍTULO I

*Onde, quando, e como deve ser lido este ligeiro esboço de um romance*

A duzentos passos da igreja paroquial de Leça da Palmeira, está, no alto de unia colina, uma capelinha de invocação de Santa Ana. É uma ermida tosca, erguida ali por devoção de não sabemos quem, desamparada depois às injúrias do tempo. Interiormente não sabemos o que é, nem o que foi. De fora tem a poesia, que pode dar-lhe a imaginação dos entes imaginativos, vulgarmente *poetas*, que são dessa moeda os mais liberais dissipadores.

Aquilo podia ser belo! Se lhe plantassem duas alas de acácias ao longo dos trinta degraus, que facilitam o acesso à ermida, e a assombrassem em redor de álamos, e amoreiras, a capelinha de Santa Ana, só em si, valeria Sintra, com todos os seus enfeites de arte, que lhe dão a cor falsa duma natureza pintada.

Tem a ermida, encostado à parede, que olha para o nascente, um banco de pedra, seu ornamento único. É, sentado neste banco de pedra, que o leitor deve ler estes capítulos.

Já sabemos o *onde*; vai agora saber-se o *quando*. Seja por uma dessas encantadoras tardes de Portugal, em Agosto, no Agosto de Leça da Palmeira, onde é prodigiosa a liberalidade do céu, da terra, e do mar, ali juntos em competência de dádivas. Quando o sol, oscilando no ocidente, faz cintilar as águas em escamas de oiro, a populosa Leça está como incendiada nos revérberos escarlates dos seus vidros. O horizonte de terra mais apartado são cordilheiras agras, cuja cor de cinza faz lembrar a névoa de fumo, que os vulcões estendem sobre as montanhas próximas. Cá, para este horizonte de mar, tanta luz, o lampejo trémulo do facho eterno, que a mão de Deus voltou para outros povos; além, o escurecer, a noite melancólica, a amiga cara dos desgraçados, que vem a chorar os seus orvalhos sobre as urnas de flores, que o sol abrija. O espectáculo então é magnífico: é a riqueza que o Senhor deixou aos que o procuram.

À esquerda tendes duas aldeias de aspecto pobre. As paredes das casas são, na maior parte, nuas de vidro e cal. Nos prados, que as rodeiam, pasta o boi, o animal mais generoso, o mais prestante, o mais humilde escravo de outro animal, o mais escravo e ingrato, que é o homem.

Começa de ouvir-se a voz do pegureiro, falando à rês, que desce o recosto dos matagais, porque da cumiada do casal sobe a coluna de fumo, que o lavrador fatigado saúda de longe, e vem buscando. É ela a núncia do frugal repasto, o pão e o caldo, que lauto manjar é, se o seguem horas de sono tranquilo. Uma das duas aldeias chama-se a *Conceição*.

Aquela casa luxuosa, pintada de amarelo, refrangindo resplendores nas suas vidraças de lavores caprichosos, é o palacete dum homem dinheiroso, um semi-deus, um deus inteiro, um deus e metade de outro, se o querem assim, da mitologia deste nosso século, o mais material, e extravagantemente espiritualista de todos os séculos. Pois aquele palacete, há vinte e cinco anos, era um convento de frades mendicantes. Não me percam de vista aquele convento, ainda que embelezada lhes fuja para o mais pitoresco retalho de terra, que os meus olhos viram. Lá está Matosinhos defronte, com o seu majestoso templo.

Que sombria severidade derrama a pequena cruz alçada entre duas torres alterosas! Se vedes um palácio, vasto morro de pedra, arrogante com o seu brasão, soberbo dos seus pórticos de mármore; não sentis o deslumbramento entusiasta, ou a concentração religiosa, que vos inspira uma simples ermida, coroada por uma cruz de grosseira pedra?

Nos arredores da igreja de Matosinhos, onde tão repetidas lágrimas de piedoso reconhecimento vão chorar as mães, que pediram ao Senhor a vida dos filhos, e os homens de mar, que fugiram com as asas da fé à garganta da morte aberta na tormenta, aí nesses arredores, onde a seiva duma natureza espontânea rebenta em espadanas de água e verdes espessuras, algumas capelinhas alvejam por entre a ramagem; e, a estas horas que ledes, se ledes ao pôr do sol, em tarde de Agosto, parecem-vos outros tantos tabernáculos abertos para solenizarem o trespassse da luz diurna para o clarão misterioso dos milhares de alâmpadas celestes.

Não quero chamar-vos a atenção para a celebrada ponte, onde se ajunta um braço de mar, filho das ondas impetuosas, com o manso arroio do Leça, que lhe entra no seio, sereno e límpido como... consentis-me uma metáfora audaciosa? – como o homem de santa vida, e coração sem espinhos, no seio tenebroso da sepultura.

Não quero chamar-vos a atenção para aí. Lá é tudo vulgar e desconsolador. São homens frívolos e mulheres frívolas, que gastando-se em nadas, espreguiçando a frase enfatiada para entreter horas, olhando tudo que os rodeia com a impaciência do enojo, ou achando tudo muito bonito duma boniteza estúpida, que eles sacrificam à contemplação dumas calças de caxemira com lista larga, às rosetas dum par de esporas inglesas, e aos peitos largos de um cavalo, que lá vai agora passando em piruetas e cortesias, que dão pábulo à conversação de duas horas nos grupos que ficam.

Não vos chamo para aí; e, se teimais em irdes para lá com os olhos, não me ledes o romance, e perdi o tempo, dizendo-vos, o *onde* e o *quando*.

Agora resta saber o *como*. Desafio os mais versados filósofos da linguagem da alma para que vos façam sentir a minha ideia simplesmente com as vinte e cinco letras do alfabeto.

*Como há-de ser lido este romance?* É boa a pergunta! Como se lêem todos os romances. Não é isso o que eu quero. Eu queria que me lessem estas linhas com o coração disposto para crer. Se crêem, sentirão. Se sentirem, hão-de pensar. Se pensarem, vêm comigo a um acordo que não é ateu, nem jesuíta, nem protestante, nem deísta: mas, se me não engana o meu compêndio de teologia, é um pouco herético. A heresia está no título desta coisa: DOIS SANTOS NÃO BEATIFICADOS EM ROMA.

É heresia, porque só em Roma se fazem santos.

Aquele S. Lourenço, arcebispo de Braga, que deu cutilada bravia nos mouros, está beatificado: é dos de Roma. S. Hildebrando, que cortou mais orelhas do que rezou padre-nossos, também é dos de Roma. Ora, cá os meus santos nunca ninguém se lembrou nem lembrará de os recomendar ao bispo de Roma, para que ele os inscreva na categoria dos santos, segundo o breviário.

Estou a ver que já ninguém me lê, depois do último período. Paciência. Eu lerei o meu romance à minha filha quando ela tiver idade para entender-mo.

## CAPÍTULO II

### *Por causa de um hábito de Cristo*

Januário Pires de Miranda, natural de Mirandela, era alferes do 4º da legião, que assim se chamava o exército português, defensor do príncipe, e da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, contra as agressões ímpias, sacrílegas e usurpadoras do moderna Átila, do flagelo de Deus, do tigre da Córsega, vulgarmente conhecido por Napoleão.

Depois da batalha do Buçaco, Januário Pires de Miranda, como notável proprietário que era na sua comarca, foi um dos deputados à corte do Rio de Janeiro, para felicitarem S. Alteza pelos feitos heróicos dos seus vassallos, como se não fosse S. Alteza quem devia felicitar os vassallos.

Januário, em suplemento à felicitação, disse que matara só ele à sua parte, cinco franceses. Não mentiu. O nosso herói efectivamente matara cinco franceses, que topara desgarrados entre Alfarela e Jales; e, para mais realce do seu feito grandioso, deve saber-se que os cinco franceses iam moribundos num carro quando o valoroso Januário, embravecido diante do carro, como o herói de Cervantes diante da gaiola dos leões, fez tirar as caniçadas e cortou à sua vontade. S. Alteza, deliciando-se com a narrativa e uma pitada de simonte, disse ao conde da Barca que era necessário galardoar os serviços deste bravo defensor do trono e do altar. No dia seguinte, Januário Pires de Miranda saiu do Paço com o hábito de Cristo pendurado na casaca, e um alvará régio de perdão para que as justiças o não pudessem em tempo algum perseguir por crime de morte, que ele agraciado perpetrara na pessoa dum seu vizinho, com uma sachola, por causa duma partilha de águas na *courela do Reguengo*, que o leitor não sabe onde é, nem eu.

O cavalheiro do hábito tinha uma filha de dezasseis anos, que uma sua tia, casada em Vila Real de Trás-os-Montes, com um negociante de panos, trouxera em pequena para a sua companhia com o fim de educá-la como senhora, e sua herdeira. Esta menina, em 1817, quando seu pai voltava do Rio de Janeiro, amava um moço de alguns haveres, inteligência não vulgar, e boa reputação, filho doutro negociante de mercearia, vizinho de seu tio. Chamava-se ele Paulo, e ela Matilde.

Paulo frequentara humanidades no convento de S. Francisco de Vila Real, onde tinha um tio, que escreveu uma gramática latina, que ninguém hoje conhece, porque os folhetinistas recomendando muitas coisas boas e conhecendo tudo quanto há, só não conhecem gramáticas latinas. Paulo sabia mais que todos os nossos folhetinistas reunidos; o que ele sabia menos que eles era falar com desembaraço a mulheres.

Como ele amava Matilde era para ele e para nós um segredo. Como Matilde o amava a ele, deixemos ao tempo essa revelação.

Quando Januária visitou sua irmã para mostrar-lhe o hábito de Cristo, a boa senhora, aproveitando o ensejo de alegria, disse-lhe que era necessário casar Matilde.

Perguntou-lhe o pai, se o noivo era cavalheiro do hábito, pelo monos. D. Genoveva respondeu, que era filho dum honrado negociante. Januário sorriu-se, e disse: *lê com lá e crê com crê.*

Matilde, quando soube a resposta de seu pai, chorou. Paulo chorou também.

Ó meu pobre rapaz, se as tuas desventuras acontecem nestes nossos felizes tempos, tu mandavas cinquenta mil réis a um meu amigo de Lisboa, e, no correio seguinte, tinhas o teu hábito de Cristo, e estavas, lidos os banhos, casado com a tua Matilde!

### CAPÍTULO III

#### *Um frade que não está beatificado*

O cavalheiro do hábito, desconfiando das democráticas doutrinas de sua irmã, em matéria de casamento, resolveu levar consigo para Alfarela sua filha. Matilde tão depressa a mandaram preparar a trouxa, deu parte a Paulo da situação violenta cai que a punham os deveres de filha. O desesperado amante imagina todas as loucuras imagináveis, e resolve suicidar-se definitivamente, se não puder estorvar a saída de Matilde. Nesta inabalável tenção, escreve à pobre moça, e revela no desalinho das ideias uma vertigem das que precedem a alucinação do suicídio. Matilde, com a carta na mão, cai de joelhos aos pés de sua tia, e choram ambas. Chega neste comenos o inexorável Januário, presença o grupo, quer explicação da lamúria, soletra pessimamente a carta arrancada às mãos da filha, e acaba por jurar «em nome de todos os diabos, que sua filha não casará com o pedaço de asno, que lhe escreve». São palavras textuais do cavalheiro do hábito.

Imaginem que noite passaram os dois infelizes! Ela chorou, desmaiou, escreveu, orou com a fervente devoção dos infelizes, e viu entrar no seu quarto a luz do último dia, que lhe era concedido passar em Vila Real. Ele, abafando de aflição no seu quarto, não tendo a quem abrir a sua alma, saiu de casa, parou à porta de Matilde, chorou, e, quando amanheceu, foi direito ao convento de S. Francisco procurar seu tio.

O santo frade dizia missa d'alva, para depois sair a peditório. Ao «*orate, fratres*» conheceu seu sobrinho, de mãos erguidas, com os olhos cravados nele. O pobre velho adivinhou desgraça, e pôs os olhos orvalhados de lágrimas na cruz.

Consumado o sacrifício, o frade veio à portaria, onde o sobrinho o esperava, passeando naquele coberto de ladrilho, onde hoje o destacamento de caçadores 8 bruno os boldriés, e dança o lundum com mulheres esfarrapadas.

«Que tens tu, Paulo? – perguntou o frade.

– Uma aflição mortal, meu tio: uma desgraça sem remédio.

«Desgraça sem remédio é a daqueles que o Senhor põe ao seu lado esquerdo, dizendo-lhes: «ide, malditos!...» Não assim a ti, meu sobrinho, que ainda agora rezavas com tanta devoção.

– Deus não me acode!... – redarguiu Paulo, limpando torrentes de lágrimas.

«Não blasfemes, filho!... Olha aquela legenda... Paulo ergueu os olhos para o versículo escrito no frontal da portaria, e leu: *Pulsate, et aperietur vobis* (Batei, e ser-vos-á aberta).

«Leste, meu Paulo?... – prosseguiu frei Bento –A fonte das consolações divinas não seca jamais. Que tens, rapaz?... fala...

– Matilde é-me hoje roubada pelo pai...

«*Roubada!*... Que direito tens tu à filha do homem, que a chama para si? Confessa-te dessa culpa, meu sobrinho. É ela tua mulher?

– Perante Deus, sim.

«Nada de palavras vás. A posse das mulheres perante Deus dá-se no altar.

– Mas o coração, meu tio...

«O coração, meu sobrinho, é um traidor, quando se arreda dos deveres impostos à alma. Eu não te tenho educado assim, nem teu pai e tua santa mãe terão feito que a semente das minhas doutrinas rebente por entre espinhos, como a da parábola. Eu soube que essa menina te era cara, e não te impedi o bem posto, e bem encaminhado afecto ao fim honesto e puro do casamento. Informei-me das virtudes de Matilde, e soube que ela

era digna de ti. Animei-te a apressar o teu consórcio, para que as línguas más não murmurassem. Cuidei que te não rejeitariam. Enganamo-nos todos; mas nenhum de nós deve agora deixar-se enganar pelo espírito das más tentações. Se ta não dá o pai, Deus o inspira para bem teu e dela. Resignação, filho. Vem aqui todas as manhãs oferecer as tuas lágrimas, que são virtuosas, e serão aceitas. Em nome de Deus te prometo que o teu coração sentirá alívio. *Pulsate, et aperietur vobis.*

Paulo beijou a mão de seu tio, e entrou outra vez na igreja. Frei Bento tomou dos ombros de um donato os alforjes, dizendo: «deixai-me só». – E saiu.

– Não almoça, padre-mestre? – perguntou o padre porteiro.

«Lágrimas, meu irmão – respondeu frei Bento; e, tornando ao palatório, disse:

«Padre-porteiro, vá à minha cela, tome da minha estante uma *Imitação de Cristo*, e dê-a a meu sobrinho Paulo, que está aí dentro da igreja.

## CAPÍTULO IV

### *Ajoelhados à mesma cruz*

Paulo, como dissemos, entrara no templo. Dois padres se aparamentavam simultaneamente. Um deles, porque não tinha acólito, acenou a Paulo. O moço limpou as lágrimas, e entrou na sacristia.

Quando voltava com a salva das galhetas para o altar, entravam duas mulheres de mantilha, na igreja. Encarou-as maquinalmente, mas as sombras das naves não lhas deixaram conhecer. As mulheres vieram ajoelhar-se, quando Paulo murmurava as respostas do *Intróito*, muito perto do altar, ao pronunciar as palavras: *Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi salutare...* não eram palavras, eram gemidos, aos quais responderam outros, intercortados com os soluços de uma agonia sufocante.

Paulo voltou a face, e viu Matilde nos braços de sua tia. Os cabelos eriçaram-se-lhe, o rosto cobriu-se-lhe de lume, as mãos erguidas desceram até ao degrau do altar para suste o corpo que vergava.

«Tende piedade dela, meu Deus! – murmurou uma voz. Era D. Genoveva.

O padre perguntou baixinho ao ajudante:

«Está aí alguém em aflição?

Paulo não respondeu.

«Olhai lá o que tem essa mulherzinha, que chora...» – tornou o frade.

– É uma senhora que desmaiou.

«Chamai o padre Anacleto para que lhe tome o pulso, e veja se está em perigo de vida, para ser absolvida.

Estas palavras foram ditas em voz que D. Genoveva ouviu.

– «Não é preciso, senhor frei Joaquim – disse ela.

«Pois é a senhora D. Genoveva?!» – tornou o frade.

– «É minha sobrinha, que desmaiou; mas já começa a recobrar os sentidos».

«Deus o queira» – e continuou a missa. Ao *Lavabo*, Paulo não atinava com o cerimonial das galhetas, que lhe tremiam nas mãos convulsas. O ministro, reparando na confusão do acólito murmurou:

«Olhai lá o que fazeis, Paulo! vós trocais as galhetas.

Paulo não respondeu: emendou o descuido, e ajoelhou.

À sagração da hóstia, Matilde, arrebatada pela exaltação da sua fé, murmurava, a meia voz, uma oração, que sua tia acompanhava com lágrimas, caídas sobre a laje, onde pousara os lábios. Paulo instintivamente voltara o rosto para Matilde, e, vendo-a como extática no cálix, sentiu-se arroubado no êxtase daquela devoção. Não proferiu, mas meditou algumas dessas palavras atribuladas, as quais, ditas a Deus, deixam na alma um alívio, que é a prova de que entraram no céu, e caíram logo na balança da misericórdia divina.

Finda a missa, Paulo ficou de joelhos. Matilde e sua tia sentaram-se no pavimento, como extenuadas de corpo e espírito. Frei Joaquim veio ao pé de D. Genoveva, sua confessada, a informar-se das melhoras da sobrinha, e subiu depois os três degraus do altar para entregar a Paulo a *Imitação de Cristo*, que seu tio lhe mandava.

O mancebo abriu o livro, e leu:

«Bendito seja teu nome, Senhor, que quiseste Viesse sobre mim a tentação, e a tribulação. Não posso fugir-lhe; mas em ti me acolho, para que me ajudes a ser bom. Senhor, eu sofro muito, meu coração está em penas, e esta paixão angustia-me. Que farei, meu querido Pai? Vejo-me apertado entre agonias. Salva-me deste instante...»

Paulo não sentira os passos de Matilde, que se aproximava. Por cima do seu ombro, caiu-lhe sobre a página do livro, e sobre as lágrimas vertidas nessa página, um papel dobrado. Voltando a face, Paulo viu Matilde, que descia apressada os degraus para cair, debruçada em lágrimas, nos braços de sua tia.

Paulo abriu o bilhete, e lera:

«Posso ser muito desgraçada, mas não posso ser «má filha. Serei tua, por vontade de meu pai, ou «da sepultura, se Deus não quiser o contrário. «Esperança, meu amigo. Ajuda-me a sofrer, sofrendo «menos do que eu. Adeus».



## CAPÍTULO V

### *Que pai!...*

O cavalheiro do hábito de Cristo, enquanto sua irmã e sua filha assistiram à missa em S. Francisco, ajudou a carregar um macho com os baús torcendo o arroxo na sobrecarga com a perícia de destro almocreve, jeito que lhe ficara de quando, em pequeno, estivera com um seu tio recoveiro de Carção.

Quando as senhoras voltaram daquela triste cena da igreja, já os baús iam caminho de Mirandela. A pobre pequena fez-se de mil cores, quando viu uma cavalgadura com andilhas, e seu pai atochando os alforjes com a merenda. Matilde pensava que a saída seria no dia seguinte.

– Pois que é isto – perguntou a senhora D. Genoveva.

«Isto quê, mulher? – disse o terror dos franceses, pondo o joelho à barriga da égua, e tirando pelas cilhas das andilhas.

– Pois tu vais já?!

«Pudera não! que estou eu aqui a fazer? Quem tem a sua casa não pode estar onde quer. Matilde, almoça, e anda que são horas.

– Eu já almocei, meu pai... Estou pronta: vou tirar a mantilha, e venho já.

Estas palavras foram ditas com aparente presença de espírito. Logo que voltou as costas a seu pai, Matilde prorrrompeu em lágrimas e soluços, que toda a sua resignação miraculosa, pedida a Deus na igreja, não obstava a reprimi-los.

«Não chores assim, minha filha – disse a tia, abraçando-a com ternura de mãe.

– Abrace-me, abrace-me, minha boa tia: parece-me que é a última vez que me tem nos braços.

«Deus não há-de querer tal, Matilde... Onde está o teu ânimo, filha?

– Não me falta ânimo para morrer contente; mas viver desgraçada e satisfeita, isso não posso, minha tia. Se não fosse a esperança de morrer cedo, chamada por Deus... bastaria a minha dor para matar-me.

O diálogo continuava entrecortado dos gemidos de ambas, quando Januário veio dar com elas pela segunda vez em mudo colóquio de lágrimas.

«Deixemo-nos de asneiras! – disse ele – Basta de choramingar. Isto não é para sempre... O diacho das mulheres choram por dá cá aquela palha! Tivésseis vós em que pensar, e não andaríeis sempre a lagrimejar vinagre por um olho, e azeite por outro.

– Ó Januário... – tornou D. Genoveva – tu estás cada vez mais grosseiro...

«Não estou magro não, graças a Deus; não tenho fastio, e mastigo bem; mas não sabes porquê, Genoveva? É porque eu trato do que serve cá para o amanhã da vida, e não ando com a cabeça por papos de aranhas. Tenho trabalhado muito para deixar uma boa casa a dois filhos que tenho e não é só isso; ando a arranjar-lhe honras lá por esses mundos de Cristo, e cá esta menina, sem meu consentimento, anda por cá a doudejar.

– Cala-te, cala-te, que és um homem sem educação nenhuma... Vai-te vestir Matilde, vai, que eu preciso ficar sozinha com teu pai.

Matilde saiu, e a senhora D. Genoveva, vermelha de zanga, continuou assim, enquanto seu irmão apertava os botões das polainas:

– Não quis que tua filha me ouvisse, para que ela não faça de seu pai a ideia que eu faço. Tu és um homem como foste sempre. Um malcriado, com todos os defeitos que traz consigo a falta de civilidade. És um lavrador dos mais rústicos da nossa terra, e meteu-se-te na cabeça ser fidalgo, porque pensas que ser fidalgo é trazer um pendurelho ao peito. Valha-te Deus! se nosso pai te visse com isso..., dava-te com as sogas dos bois

até tocar a quebrado. Eu falo-te a verdade: estava morta que tu saíesses de Vila Real, antes que os fidalgos cá da terra saibam que tu tens a mania da fidalguia. Os rapazes atiravam-te às pedras; e eu, que tenho guardado com honra a posição que nosso pai me deu, teria vergonha, como tenho desde hoje, de ser tua irmã...

«Tu estás dizendo grandes atrevimentos!... Vai bacharelar ao diabo... Mete-te com a tua vida...

– Olha cá... sempre te quero dizer duas palavras a respeito de tua filha. Minha sobrinha foi criada comigo; as prendas que tem deve-mas a mim...

«Então queres que tas pague?

– Não, estúpido, não quero que mas pagues; mas ela é que mas quer pagar com a gratidão da nobre alma que tem, e não parece ter nada da tua. A infeliz é minha verdadeira amiga, e nunca poderá ter por ti outro sentimento senão o da sujeição, e o do medo dum tirano... entendes?

– Acho que entendo... Cá vou assentando no meu canhenho... Andarei com o olho sobre ela...

– Não é preciso, mau homem, não é preciso vigiá-la. Tem virtudes de sobra para te não enganar, e é mais possível morrer do que resistir ao despotismo de seu pai. Ora, se ela morrer, Januário, o criminoso, o verdugo és tu.

«Eu? ora essa! Boa vai ela!

– Sim, tu... E não tenho mais nada a dizer-te... Deus te não leve em conta as lágrimas que eu e ela choraremos...

«Pois tu que querias? aposto que todo esse aranzel é a troco de eu não querer que ela case com o borra-botas?

– Fecha essa boca, ignorante! Tu darias quanto tens por ter na cara a honra que ele tem nos calcanhares. Quando Deus quer dar a um pai um genro virtuoso, escolhe no mundo rapazes como aquele... e esses são muito raros.

«Mas eu não quero, e arrumou! Vão lá tirar-me esta da cabeça! Não quero, e não quero! A rapariga é minha filha, eu sou senhor do que é meu; e não me puxem pela língua, se não acaba-se aqui o mundo!...

O senhor Januário foi fecundo neste género. Disse, o mais rusticamente que pôde, singulares asneiras sobre o direito paternal, e acabou por descobrir que tinha apertado lis avessas a polaina esquerda, que desabotoou para abotoar de novo, vomitando uma praga a cada botão.

D. Genoveva entrou no quarto da sobrinha, que chorava debruçada sobre uma cómoda.

«Minha tia... – disse ela. Eu levo neste lenço a imagem de Santa Teresa de Jesus, que Paulo me deu, quando éramos ainda criancinhas. Dá-me licença que a leve?

– Sim, minha filha... para que me pedes licença? Nunca a serva do Senhor te desapare, Matilde.

«Quero pedir-lhe mais um favor...

– Diz, filha...

«Aquele S. *Francisco* de marfim, que a tia tem no seu oratório, se mo desse...

– Dou, dou... o que quiseres...

«Não é para mim...

– Já sei.

«Se a tia lho fizesse chegar às mãos...

– Farei, farei, filha: ainda hoje... E mais nada?

«Já lhe disse tudo que tinha a dizer-lhe... o mais... no céu lho direi.

Rebentaram de novo as lágrimas, e apertaram-se os peitos das duas amigas em angústias que mal se descrevem.

O senhor Januário já tinha chamado três vezes. Separaram-se. D. Genoveva não pôde acompanhar sua sobrinha até à porta. Ajoelhando diante do seu oratório, quando passava com ela nos braços, foi daí transportada sem sentidos ao seu leito.

O cavaleiro do hábito, que presenciara o quadro triste, resmungava um monólogo de que sua filha ainda ouviu:

«Saudades são securas...» – *Et coetera.*

A preexistência destes nossos barões! A coisa vem de longe...

## CAPÍTULO VI

### *A casa do senhor como penitenciária*

Januário Pires de Miranda tinha um filho que mal se recordava de sua irmã. Separaram-se crianças, e raras vezes se correspondiam, por uma razão muito simples: o rapaz não sabia escrever, e apenas soletrava *As sete partidas de D. Pedro*.

Seu pai dizia que um bom lavrador, sabendo medir um almude de azeite e um carro de pão, não precisava mais nada. Eram já as tendências para a fidalguia a trabalhar.

Os seus vizinhos, senhores de vínculos, não eram mais espertos do que ele; e a única vantagem que lhe levavam era terem-no precedido, nas pessoas de seus avós, em heroísmos no campo da batalha. Os representantes dos Mens, e Fuas, e Magriços alegavam, em honra da sua velha jerarquia, tantos «narizes de mouros que seus avós cortaram». Januário, que procedia, por todos os quatro costados, de estirpe sabida de burriqueiros e almocreves, ufanava-se de ter, por sua própria mão, cortado dez orelhas de franceses, à razão de duas orelhas por cabeça.

A minha opinião é que o neto dos almocreves tinha direitos muito mais legítimos à nobreza, porque matou franceses invasores da sua pátria, e não foi levar a assolação e a morte aos pobres indianos, que lá viviam, tranquilos e inofensivos, nos seus palmares, com as suas crenças, com os seus haveres, e com a sua feliz ignorância.

O senhor Januário, portanto, era um fidalgo sem senão: e seu filho, por não saber ler nem escrever, habilitava-se a continuar os merecimentos paternos, para que se não dissesse dele o que se diz de muitos que têm na história de avós o aviltamento da própria.

Matilde entrou em casa de seu pai como entraria em casa estranha. Que desconsolação para a triste que precisava tanto de encontrar uma alma!

Seu irmão Manuel recebeu-a como se tivesse vergonha dela. Nenhum movimento de coração se denunciou na fisionomia de ambos.

A pobre menina entrou no quarto que seu pai lhe disse ser o seu. Tinha sido aquele o recinto de sua mãe, único de que ela se lembrava na casa, por ser ali que se prendia uma triste lembrança. Recordava-se Matilde ter visto entrar ali alguns homens de opas brancas a levantarem do sobrado o esquife de sua mãe, que a deixara de sete anos.

Era, pois, bem natural aquele pranto que a dolorosa recordação fez trasbordar dos olhos. E parecia inexaurível- a fonte dele. Chorava sempre, e os escassos bocados de alimento, que tomava da mesa de seu pai, eram orvalhados de lágrimas. Nem orando, sequer, achava desafogo. Seu pai e seu irmão encaravam-na com indiferença, se não com aborrecimento. Um dia, e outro dia, e os dias todos assim, deviam indispor contra um padecer, que não conheciam, os dois alarves, que aparelhavam perfeitamente.

Matilde escreveu uma longa carta a sua tia; mas que trabalhos para isso! desde o tinteiro até à obreia, venceu dificuldades, cujas penas não foram talvez as menores do longo infortúnio de Matilde. Seu pai queria ver o que ela escrevia; e, não percebendo a linguagem da carta, pensava que havia *mandinga* nela. Forçoso lhe era, por isso, escrever a ocultas, e arranjar pessoa de confiança que lhe levasse ao correio as cartas, e recebesse em seu nome as respostas. Valeu-lhe nesta opressão uma honrada tecedeira, prima de sua mãe, pouco afeiçoada ao cavalheiro do hábito. Foi isto um alívio que o céu lhe concedeu.

De oito em oito dias, tinha carta de sua tia, cheia de consolações e esperanças. Em todas as cartas, sabia que Paulo vivia mais no convento, com o tio frade, do que em casa

de seus pais; que viera uma vez agradecer-lhe a remessa do S. Francisco de marfim, não proferira uma só palavra a respeito dela, e saíra, quando as lágrimas subitamente lhe turvaram os olhos. Em uma dessas cartas, a penúltima que Matilde recebeu em Mirandela, dizia D. Genoveva que a mãe de Paulo morrera de repente, e este acontecimento abalara tanta a débil compleição do moço, que muito receio houve de que o juízo lhe desse volta.

Entretanto, Januário tratava de casar os filhos e lançara vistas sobre uma afilhada dum abade rico para o filho, e um morgado arruinado para a filha. Fazia a casa em Matilde para reedificar as ruínas do morgadio. Dava seis mil cruzados ao Manuel para entrar na posse da grande lavoura da afilhada do abade, que lá tinha suas razões para não chamar-lhe filha.

Traçado o plano, entrou na execução. Calculem a habilidade com que o fez! Chamou a filha e disse-lhe que arranjava um marido fidalgo, que tinha pedra de armas à porta, e casa de capela!

Matilde surpreendida, sem vacilar um instante no primeiro rasgo de ânimo livre com seu pai, respondeu que não casava.

– Tu que dizes, mulher!? – redarguiu, atônito da desobediência.

«Digo que não caso. Dou-lhe a minha vida, se a quer; o coração não posso dá-lo a ninguém.

– Pois tu desobedeces a teu pai, Matilde?!

«Isto não é desobediência: é não querer enganar o homem a quem meu pai quer dar-me. Se esse homem chegasse a conhecer que eu não posso estimá-lo, tomar-se-ia inimigo de meu pai, e seríamos todos desgraçados.

– Não me importa com essas indróminas! Hás-de casar.

«Não caso, meu pai.

– Pois então, não há aqui que ver..., há-de ser freira. Não te quero em casa, nem quero mais cartas para Vila Real.

«Serei e farei o que meu pai quiser.

– Hás-de ser freira, e olha que vais para muito longe de Vila Real.

«Para onde o pai quiser.

– E há-de ser freira numa ordem pobre.

«Tudo, tudo o que for da sua vontade.

– E depois há-de arrepender-te.

«Não é possível... A minha vida será curta... Não terei tempo de desejar outra.

– Outra quê?

«Outra vida, meu pai.

O senhor Januário embirrava com os substantivos ocultos.

## CAPÍTULO VII

### *A desgraça faz os santos*

Duas semanas depois do último diálogo, o cavalheiro do hábito disse à filha que estavam prontos os três mil cruzados do dote para ser freira em Santa Clara do Porto. Matilde curvou a cabeça submissa, e pediu licença para fazer um pedido.

«Vamos a saber o que é que queres – disse o pai.

– Desejava ser freira onde o serviço de Deus for mais custoso.

«Talvez em Vila Real... – replicou o sandeu com um sorriso de estúpida malícia.

– Não é em Vila Real, é em qualquer parte onde hajam conventos reformados por Santa Teresa de Jesus. Desejo ser carmelita, e no Porto há um convento de carmelitas.

«Pois irás para o tal convento; mas olha que isso lá fia mais fino, e tu arrependeste.

– Já disse a meu pai que não posso arrepender-me.

Januário sentia no peito saltar-lhe o coração em cabriolas de alegria. A resolução de Matilde poupava-lhe dois mil cruzados, visto que ainda menos de quatrocentos mil réis bastavam para o dote de uma freira Teresinha. Expansivo do seu contentamento, contou ao filho a deliberação da irmã, e apressou quanto pôde a entrada de Matilde.

Esta comunicou a sua tia a resolução que tomara, e pediu-lhe que mostrasse a Paulo a sua carta. Sem esperar resposta veio ao Porto e entrou no noviciado.

Januário acompanhou-a, deu-lhe o derradeiro abraço com os olhos enxutos, e estabeleceu-lhe uma insignificante tensa.

Matilde recebeu no convento a resposta da sua última carta a D. Genoveva. A madre-porteira, entregando-lha, disse-lhe que era dos estatutos ser primeiramente aberta e lida a carta pela prelada. Esta obrigação custou-lhe lágrimas, mas não hesitou um instante. A priora abriu; leu, mentalmente, e antes de proferir uma palavra, caíam-lhe as lágrimas pelas faces azadas pela velhice.

«Vossa caridade – disse ela – poupar-se-ia a muitas dores, se pedisse a sua tia que lhe não escrevesse cartas semelhantes.

– Porquê, nossa madre priora?

«Porquê... minha filha? porque as lágrimas que vêm de longe são as que mais nos doem no coração. Leia, irmã Matilde, e se for grande a sua mágoa dê graças a Deus pelas tribulações com que se dignou provar a sua paciência. Eu tinha adivinhado que o seu coração sofria, que as suas orações eram gemidos de desafogo; mas não pensei que tão grande devia ser a dor... Maior é o poder da consolação divina...

A noviça beijou o escapulário da prelada, e retirou-se à sua cela a ler a carta com dolorosa sofreguidão. Sua tia, depois de descrever com o sangue do coração a mais tocante dor da saudade, falava de Paulo.

Paulo quando soube da escolha de Matilde entre o mosteiro e o casamento, sentira assomos de júbilo, e, digamo-lo claramente, de vaidade, mas dessa vaidade que enobrece o coração, e não tem nada com a outra, filha da cabeça. Este acesso febril durara pouco tempo. Viera, depois, a reflexão, e com ela a consciência de perder para sempre a mulher que para sempre ligara ao seu destino.

*Perdida!* Esta ideia, cada vez mais carregada em cores negras, atirava com aquela pobre alma ao abismo da impiedade. A desesperação levou-o de dúvida em dúvida até à blasfêmia. Paulo, achando em seu tio a severidade do santo, deixava-se fascinar pela tentação do demónio. Fugiu do convento como de um lugar, onde lhe recebiam as lágrimas com repreensões, e dizia-se que a religião, no extremo da amargura, não é

senão um sarcasmo. Caiu doente, quando o corpo caiu, extenuado das comoções do espírito. Tocou a última raia da vida, sem abrir os olhos à luz da fé, que seu tio frade, sempre à sua cabeceira, lhe mostrava, como incrédulo noutra medicina.

Uma noite, o delírio e depois o cansaço súbito, a atonia completa da vida exterior, fizeram pensar que era chegado o último instante do enfermo. Frei Bento pedira a extrema-unção, e assistira àquele terrível acto, sempre de joelhos, com o crucifixo voltado para o moribundo. Aos pés do leito estava o pai de Paulo, com as mãos erguidas, e os lábios imóveis, e as feições de mármore como se a agonia o petrificasse. Os muitos amigos daquela virtuosa família, voltados para um oratório, respondiam à ladainha de Nossa Senhora, entoada lugubrememente pelo guardião dos franciscanos. A morte estava ao pé daquele leito; mas a esperança, presa à âncora da fé, estava em todos os corações.

Ouviram o respirar alto do moribundo. Frei Bento passou-lhe a mão pela testa, e retirou-a húmida de suor glacial. Não eram menos frias as gotas que lhe inundaram o rosto. O facultativo assistente fechara o relógio, e saíra como homem inútil junto de um cadáver.

«Está morto?! – perguntou-lhe o frade, acompanhando-o.

O cirurgião encolheu os ombros e respondeu:

«Os impossíveis da ciência só Deus os desfaz.

Frei Bento voltou, e pôs os olhos no oratório, buscando a imagem do santo querido de seu sobrinho. Não a vira. «Onde está o *S. Francisco* de marfim?» perguntou ele a seu cunhado. O aterrado ancião não respondeu. Tinha todos os sentidos presos à respiração do filho, como para receber-lhe nos lábios o derradeiro hálito da vida.

O frade correu a mão por debaixo do travesseiro e encontrou a imagem: ao pé da imagem estava a *Imitação de Cristo*; e, entre as duas páginas que lera na igreja, o bilhete que Matilde lhe pusera no livro.

Não podemos copiar do coração do justo as palavras mudas que disse à imagem do patriarca da sua ordem, fervorosamente colada aos lábios trémulos.

É certo que o pai de Paulo soltara uru grito. Todas as atenções alvoroçadas se voltaram para o moribundo, julgando-o morto, e viram-no com os olhos abertos, profundamente cravados no seu tio.

«Conheces-me, Paulo? – exclamou este.

Nos lábios do enfermo ajeitou um sorriso instantâneo. É indizível a alegria que raiou nos semblantes. Ajoelham todos, simultaneamente electrizados da flama do mesmo entusiasmo, e o guardião, erguendo os braços trémulos, exclama: – «*Senhor! nós te louvamos*».

## CAPÍTULO VIII

### *A religião triunfa*

Paulo não morreu. A medicina foi derrotada. As melhoras instantâneas foram atribuídas a milagre do padre S. Francisco, e o contentamento não cabia no coração daquela boa gente. Frei Bento, recolhido à sua cela, derramava lágrimas de gratidão ao seu patriarca; e os outros frades, celebrando o milagre como dom comum, e frequente na sua ordem, cantavam em comunidade louvores ao Senhor, que mandara erguer o paralítico da porta do templo.

A convalescença foi segura e rápida. Paulo deu o seu primeiro passeio ao convento, e receberam-no os braços dos monges, como se fosse sobrinho estremeado de todos eles.

Voltando, entrou pensativo em casa, e parecia abstraído das carinhosas perguntas do pai. O bom velho, que saíra, pouco havia, dum naufrágio, temia a tormenta a cada ligeira sombra que anuviava o semblante de seu filho.

«Dói-te alguma coisa, Paulo? – perguntava ele tomando-lhe as mãos, que não correspondiam ao afectuoso tremor das de seu pai. – Não respondes, filho?! Estarás tu doente? Recairás? Não te agasalhaste bem?

– Estou bom, meu pai. *Bom!*... não posso enganá-lo... Eu estou cheio de uma amargura que não posso explicar-lhe. Não tenho no coração um lugar sem um espinho...

«Porquê, Paulo? Que te faz sofrer tanto!...

– Tê-lo vivo, meu pobre pai.

«Pois é a minha vida que te pesa?

– Queria tê-lo visto subir, onde minha mãe o espera... Este mundo é muito triste... A sua desgraça principiou com a minha. Não teremos um dia, um só dia feliz de hoje em diante. Eu queria-me só nas torturas...

«Pois não esperas melhores dias para agradeceres a Deus comigo o benefício que nos fez a ambos, concedendo-te a vida?

– Oh pai... o serviço de Deus tem penas muito grandes para quem o mundo repeliu de si com o desprezo, e com a injúria...

«Não te entendo, Paulo.

– É que a sua boa alma só entende o que é puro e nobre. Eu servirei a Deus... sim, quero servir a Deus: mas... quem me deu a vida..., dar-me-á forças para poder arrastá-la com paciência?

«Há-de dar, filho... Porque não fizeste essa pergunta ao teu santo tio?

– Fiz, fiz: mas eu não posso fazer entrar no seio de um homem puro o meu coração, cheio do fel que me cá verteram, quando eu era tão feliz, e tão inofensivo com o meu amor... E tão desgraçado, meu Deus!... Quem dirá o que teu tenho sofrido?

As lágrimas embargaram-lhe a voz, cortada de soluços. O ancião, sem poder sondar a profundidade daquela dor, em vez de palavras de estéril alívio, chorava, voltando a face veneranda para o oratório.

Paulo ergueu-se dum ímpeto a abraçar seu pai. Que convulsiva efusão! que mudez tão dolorosa a daquele abraço! As palavras crispavam-lhe os lábios em sílabas cortadas. Havia ali a sofreguidão dum terrível adeus que não se diz senão assim.

Serenada a comoção, Paulo violentando o sentimento exterior a uma tranquilidade contrafeita, falou assim:

«Meu pai, o mundo acabou-se para mim. Quando me ergui do leito, onde tive comigo a morte, não me ergui para a vida, foi para sentar-me à beira da sepultura, e



esperar aí o meu anjo bom, que eu, na desgraça, lançara de mim. Morto já eu estava, meu pai; mas, duas vezes morto. O meu espírito caíra, e o Senhor compadecera-se dele. Mandou-me erguer, e eu não sabia para quê, nem sei para que estou aqui, se não procuro converter estas lágrimas em desconto das minhas culpas.

– As tuas culpas, filho!...

«As minhas culpas, sim. Onde está um justo? Quantas blasfêmias eu não vociferei desde que me arrancaram com o coração essa pobre vítima que eu fiz...

– Tu, não, Paulo; não foste tu.

«Fui, fui; mas, perdão, meu pai. Eu peço, eu suplico, eu quero o seu silêncio, silêncio eterno a respeito desta desgraçada mulher. Nenhum de nós, ninguém na minha presença pronunciará mais o seu nome. Morreu. Matilde morreu. Está dito para sempre o nome dela. Não profanemos o seu santuário, ou o seu cavalete de torturas. Deixá-la purificar-se, se eu a manchei com o meu amor puro como o amor dos anjos. Não pode haver entre nós mais nada. Somos dois cadáveres de duas sepulturas unidas.

– Ainda não, Paulo, ainda não. Matilde ainda não fez votos, é noviça; empreguem todos os esforços...

«Para fazê-la revoltar contra a vontade de seu pai? Não, não. Eu não posso dar-lhe em troca da desobediência o caminho do céu. Morreu, sei que morreu; porque não sinto em mim o mais fugitivo alento de esperança. Não falemos nesse nome, que é disputá-la a Deus...»

Eram bem razoáveis os receios do velho, vendo a cor febril de Paulo. Queria responder-lhe; mas temia transtornar-lhe a convalescença ameaçada. Deixou-o só, e saiu a pedir conselho a frei Bento.

Largo espaço estiveram juntos. O pai de Paulo saiu, quase em braços, e desfalecido. Que terrível revelação lhe fizera o monge?

Procurando seu filho, apertou-o ao seio, exclamando:

– Tu queres deixar-me, Paulo?! Assim se desampara um velho à beira da sepultura. Não há remédio para a tua dor senão a vida religiosa?

Paulo, fixando os olhos pasmados nos transportes de seu pai, não respondia. O velho prosseguiu em queixumes inspirados pela eloquência da sua dor. Era magnífico de amargura o espectáculo, quando frei Bento assomou à entrada do quarto do oratório, onde esta cena se passava na presença de Cristo.

– Meu irmão – bradou o velho – ajude-me a encontrar em meu filho o amparo da minha velhice. Não me deixem sozinho com a cruz dos anos retalhados de tormentos. Perdi pai e mãe, perdi minha mulher e quatro filhos, tenho de cada perda uma chaga aberta no coração. Deixem-me fechar os olhos, sem que eu sinta mais esta.

Frei Bento tomou a mão do cunhado, e aproximou-o do oratório, dizendo:

«Meu irmão, pergunte a Deus se seu filho Paulo, vestindo o hábito de S. Francisco, no convento que está a cinquenta passos de sua casa, abandona seu velho pai. Pergunte... e oiça a resposta no coração. Pergunte, e o coração lhe dirá que seu filho precisa saborear-se num amor, que não pode beber sem fezes nas fontes impuras da terra. O coração lhe dirá que é doce a morte do varão justo, que deixa seu filho envolto na mortalha com que há-de inclinar-se sobre a terra sacudida das suas sandálias... Meu irmão, tem riquezas? Não serão elas muitas, porque as adquiriu com honra. Deixe-as, essas poucas ou muitas que tem. Deixe-as a um hospital, onde se dá um lençol ao enfermo, um bocado de pão ao faminto, e uma oração à alma do que pediu a caridade uma enxerga onde morrer. Venha com seu filho, e terá uma cela junta à dele. Debaixo das telhas sagradas, terá uma família: eu e ele somos tudo que lhe resta. Dos três o primeiro que der aos outros o último adeus, terá quem o chore, e lhe feche os olhos, e lhe diga o «até logo» da eternidade.

O pai de Paulo estendeu os braços trémulos para receber o frade e o filho.

## CAPÍTULO IX

### *Os dois santos*

Há motivos para que o romance termine breve, leitores. Pedi-vos que o lêsseis ao pôr do sol, e deve ser quase noite. Dos pinhais fronteiros descem sombras carregadas. A cinta rúbida do horizonte desvaneceu-se. Este local é triste, daqui a pouco.

Lede depressa, antes que a poesia do quadro vos fuja com a luz dos olhos.

Correram quatro anos.

Paulo era frei Paulo da Paixão, no convento de S. Francisco em Vila Real. Seu pai morrera abençoando-o, e recebendo a bênção do cunhado. O tio morrera-lhe nos braços, conversando com o anjo do resgate, que lhe segredava consolações para os frades que o choravam.

Frei Paulo julgava-se só e livre para provar o coração na derradeira experiência do martírio. Se me perguntais quanto tempo durou a imagem de Matilde na alma dele, dir-vos-ei, que não sei o que a estas horas se passa na estância, onde se completa o destino do homem.

O que eu sei, é que em 1821 aquela casa, que além vedes, amarela, com janelas apalaçadas, era o pobre CONVENTO DA CONCEIÇÃO. Poucos frades de santa vida queriam voluntariamente desterrar-se naquele ermo. Pediu-se, nesse tempo, aos conventos da ordem alguns frades de mais austera vida, que viessem manter ali o culto do Senhor. De Vila Real só um frade se oferecera: era frei Paulo.

Veio. Ide lá, e vereis ainda a padieira da porta onde ele bateu. Abriram-lha, e ele entrou para nunca mais sair.

A uma légua de distância, como sabeis, estava o convento das carmelitas, onde Matilde era freira. Se não conheceis bem o convento, procurai no Porto uma igreja, onde estão armazenadas carruagens, arreios, medas de palha, e sacos de grão, de não sei que alquilador. É lá. É ali naquele claustro – onde os estafetas acomodavam cavalgaduras – que Matilde soube de sua tia que frei Paulo era conventual na CONCEIÇÃO.

Quando recebeu esta nova, passeava ela amparada nos braços de duas freiras, que a conduziam a respirar na cerca o ar que os pulmões lhe convertiam em elemento destruidor. Estava tísica.

Frei Paulo viu, uma? vez, lágrimas nas faces de um frade, seu vizinho de cela. Interrogou-o, e soube que era ele o confessor de uma religiosa teresinha chamada *Matilde das Sete Dores de Maria Santíssima*. Acrescentou o frade, que a sua confessada estava agonizante, depois de quatro anos duma atribulada tísica pulmonar.

«Oremos por ela, irmão – foi a resposta de frei Paulo, e ajoelharam no degrau daquela capelinha que lá vedes branquejar, se subirdes o rio Leça.

Dois dias depois, o mesmo frade que chorara, voltando do Porto, entregara a frei Paulo uma caixinha de pau preto, que lhe era remetida pela priora das carmelitas.

Frei Paulo quis desatar a fita que a cingia com muitas voltas; mas a mão tremente não atinara a desdar os nos.

«Abri... – disse ele ao companheiro.

Era a imagem de SANTA TERESA DE JESUS, que Paulo dera, doze anos antes, a Matilde, e um bilhete aberto, como servindo de envoltório à escultura.

O bilhete dizia a seguinte:

*Não sei se cumpri à risca a vontade do Senhor. Paulo, ora a Deus por Matilde.*

«Pois sim, Matilde... – murmurou frei Paulo – eu vou orar a Deus por ti.

Oraria? Os cabelos dele estavam hirtos. Nem uma lágrima no rosto cadavérico! A imobilidade da estátua da agonia! Tiraram-no daquela postura, conduziram-no a cela, lançaram-no sobre as tábuas do leito, onde nunca estiveram palhas.

«Ouvi-me de confissão, frei Amaro – disse ele ao confessor de Matilde.

Retirou-se a pequena comunidade: mas, pouco depois, o padre confessor abria a porta da cela, e exclamava:

– Trazei a extrema-unção, depressa.

«Sim... depressa... – balbuciou frei Paulo. –Olhai, irmão... as duas imagens, se o Prelado o consentir... lançai-as na minha sepultura.

Ministraram-lhe o último sacramento.

«Perdoai-me todos... foram as suas penúltimas palavras. E as últimas, quando desceu da cruz os olhos, porque a mão da morte pesava neles, foram:

*Consummatum est.*

Agora, recolhei a vossas casas, leitores. Ide aos vossos bailes, cismai nos vossos cálculos de fortuna, fazei de conta que a vida é uma brincadeira, folgai, e, se vos puderdes furtar um instante às vossas orgias ilustradas, vede se é possível fazerem-se dois santos fora de Roma. Todavia, tenho a franqueza de dizer-vos que não vos vejo muito habilitados para santos dos que por cá fazem assim, e dos que por lá se fazem, doutro modo.

Não há, já agora, Matildes nem Paulos, pela mesma razão que não há conventos. Os cavalheiros do hábito de Cristo, esses há-de havê-los em todo o tempo; e os de hoje, mais medrados nas insígnias nobiliárias, gloriam-se de terem filhos dignos deles.

Este mundo é o melhor de quantos há, diz o doutor Pangloss, e eu também.

## IMPRESSÃO INDELÉVEL

(1842)

### I

Nunca te contei, meu caro Barbosa, o fecho ou desfecho duma afeição dos meus quinze anos? Creio que não.

Estás farto de confidências do homem; as da criança, até muito tarde criança de coração, essas começam hoje a ter valor para mim; porque não sei o que há entre a puerícia e caducidade, que as lembranças mais vizinhas do berço andam juntas aos temores do túmulo! Eu penso que sei o mistério disto. É que a sazão das paixões e sempre turvada de borrascas, e os horizontes que o peregrino deixa após si, tolda-os a névoa escura, fogem-nos a vista, perdem-se-nos da saudade, não há sequer vontade de volver a eles. É preciso que o céu aclare, que a viração da tarde da vida desfaça as nuvens do meio-dia, que a alma repouse das oscilações com que não pode... então somente o pretérito vem à evocação da saudade, as cãs do espírito rejuvenescem, a poesia brota ainda uma flor, e essa flor, acarinhada bem ao seio, dá-nos no fim da vida os perfumes do princípio dela.

O meu céu está hoje claro e transparente como um vácuo imenso. Sem presente, e frio às comoções do provir aquém da campa, o meu ser, a faculdade única, o órgão único da minha vitalidade é a memória. As impressões sentidas há quinze anos revivem hoje. O sentir é menos poético do que foi então, mas é mais reflexivo, mais filosófico, deixa-me servir deste adjectivo comum de tudo. Começo agora a fazer escavações nas ruínas do grande mundo que fiz, e desbaratei. Acho datas memorandas, lápides com legendas, que resumem, num traço, a vida de um ano, e até algumas que abalizam a passagem do éden da inocência para o inferno dos desenganos. Dessas, algumas estão oxidadas como os bronzes das necrópoles. É necessário limar, delir a crusta que as desluz: este efeito consegue-se algumas vezes com lágrimas, em que a saudade é o reagente.

Queres ver, meu amigo, uma das minhas exumações?

### II

Aos meus dez anos, levantou-se uma tempestade no seio da minha família. Uma vaga levou meu pai à sepultura; outra atirou comigo de Lisboa, minha pátria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não merece crónica a outra; arrebatou-me um esperançoso património. Foi bem pregada a peça para que não tivesse a impudência de nascer, a despeito da moral jurídica, filho-bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da Senhora D. Maria I me deserdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do pecado. Denominava-se – a *piadosa*, pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou – o *piadoso*. A boa da história é uma trapalhona!

### III

Fui educado numa aldeia, onde tenho uma irmã casada com um médico, irmão de um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractário à luz da gorda ciência do meu padre. Fugi de casa para a serra, dava muitos tiros às galinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me dói o remorso de ter matado uma!

O meu gosto era pascor o rebanho de casa por aqueles saudosos vales. Todavia, minha irmã opunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia acerca da minha dignidade; repreendia os meus baixos instintos; atraía ao seu voto o marido e o padre, e cortava-me o rasteiro voo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a broa, e a cabacinha da aguardente.

Não obstante eu pedia tudo por empréstimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas daqueles alcantis fragosos, sempre sozinho, cismando sem saber em quê, engolfava a vista nas gargantas dos despenhadeiros. Neste instante, vejo palmo a palmo aqueles sítios. Se eu ali for, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, há quinze anos, dois anéis de missanga. Ora estes anéis...

### IV

Estes anéis, meu caro Barbosa, dera-mos a Maria do Adro.

Sabes tu lá quem era a Maria do Adro? Desce da elevada esfera, por onde voejam as tuas preocupações, cá abaixo, ao raso de uma mulher do povo.

Maria do Adro era filha de uma viúva pobre. Tinha dezassete anos. Fora bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emagreceu-lhe a face, amareleceu-lhe a pele, e sugou-lhe a seiva que viçava em flores por todo aquele rir e olhar de descuidosa inocência. À mudança de semblante correspondeu a da alma.

Fez-se melancólica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho. Chamavam-lhe «mona» as azougadas companheiras, e ela o que respondia às provocações era: – «Andai, andai, raparigas; eu também me diverti assim, quando tinha saúde».

E muito divertida dizem que ela fora! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos.

Minha irmã disse-me uma vez: – «Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu trato».

Isto impressionou-me, e eu reparei na moça que até ali me fora indiferente.

### V

Reparar, quando o coração repara mais que o juízo, é amar. Achei a tal distinção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria, estava em casa, sentar-me num toro de castanheiro à porta dela; visitava-a na leira, cortinha, ou horta onde ela estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa, e ela respondia-me sempre com o seu sorriso meigo, dando-me umas vezes uma flor do monte, outras um abraço de videira.

Maria, de madrugada, não faltava à primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu, por causa dela (Deus me perdoe a intenção) ajudava às cinco missas, se Maria estava

até à última; se não, não. Na quaresma, era certa todos os domingos à tardinha na Via-Sacra em redor do presbitério. Lá ia eu para a Via-Sacra, ouvir o número de gemidos que uma aritmética piedosa fez gemer ao Salvador do Mundo. Minha irmã, que devia à devoção a sua felicidade, era, quase sempre, a que entoava as estações. Tudo poesia para mim! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos. Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa, preparando-se para entrar no golfão das delícias brilhantes, onde é necessário, para haurir o gozo completo, esquecer a Deus!... Ali, depois, entre quatro montanhas, aos vinte e dois anos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, diante de uma cruz tosca!... Entra nisto, meu amigo...

## VI

Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro vizinho da leira, à hora da sesta, conversando com Maria, enquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola.

Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecia ainda este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfecto*.

Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive apenas, as imagens nuas daqueles quadros da inocência. Sei que encostava a cabeça ao regaço dela, e este grupo fazíamos-lo com tanta singeleza, que a aproximação de alguém não nos assustava.

Dado o sinal do trabalho, Maria tomava a sua foicinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabelo.

Eu, depois, saudoso dela, subia ao cerro de uma colina afastada, de onde nos víamos. Os segadores se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, à sua moda; e Maria sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquela falta de respeito a mim.

Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores saírem do campo. Maria, por caminhos travessios, saía-me ao encontro, e vinha comigo, quase sempre silenciosa ou recolhida em si.

Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabelos às minhas imagens.

## VII

Três meses depois, mandaram-me sair da aldeia. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... minha irmã, boa para todo o mundo, menos para mim, era indiferente à minha saída. Feriram-me todos o meu orgulho, e eu deliberei sair sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus num espasmo, que a não serem as lágrimas, tomá-lo-ias por insensibilidade estúpida. Demorei-me, algumas léguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de família, passados sete meses dos ociosos quinze anos com loucuras dos trinta, intimou-me a saída de Lisboa, pena de considerarem o meu estômago uma víscera inútil. Vim para o Porto estudar os preparatórios da universidade; e, como o tempo me sobejasse, estudei anatomia. Não te pareça demasia de miudezas o meu estudo anatómico. Lá iremos à aplicação.

Encontrei aqui um lavrador lá de cima, vindo de não sei que romagem aí para o Minho, e pedi-lhe novas de Maria do Adro. Disse-me que a cachopa estava cada vez mais acabada, e o mestre da saúde não lhe dava muito tempo de vida.

Tive muita pena. Quis então escrever-lhe; mas ela não sabia ler. Mande-lhe muitos abraços e recados pelo romeiro, e a certeza de que no princípio de Agosto iria vê-la.

## VIII

Senti vivas saudades de Maria, e também remorsos de esquecê-la, quase, em Lisboa. Esperava com ânsia as férias grandes, e afigurava-me o júbilo com que ela me veria, depois de quinze meses. Quantas vezes eu ia do átrio do Bonfim pasmar os olhos naquelas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia...

Chegaram as férias, fiz acto de anatomia, e fui premiado com um indulgente *R.* De boa vontade aceitava eu três, com tanto que me deixassem sair mais cedo. Esperava-me o cavalo com a magra mala. O arreeiro perdeu-me de vista em Valongo, e encontrou a meio-caminho o cavalo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas de mais, e ferraduras de menos.

Aluguei em Amarante uma égua nervosa ao estímulo da espora, e em dia e meio venci as oito léguas.

Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria na alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estilo. Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsâmico em que o meu coração doudejava embriagado!

Já via os castanheiros seculares a circundarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas vizinhas dela. Estive quase a appear para abraçá-las! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas moças que segavam erva num lameiro contíguo à estrada.

«Já não conhece a gente?! – disse uma delas.

– Conheço, Luisinha; conheço, Ana; pudera não conhecer! Como estão vocês? rijas, hein?

«Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?

– O quê?

«Pois não sabe que a Maria do Adro...

– Que tem? está doente?

«Está com Deus... Morreu faz amanhã um mês.

## IX

Meu caro Barbosa, tu crês nas lágrimas aos dezassete anos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentânea. Fugiu-me a rédea da mão, e apertei instintivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lágrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa semelhante a um estalo.

Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma delas disse à outra:

«Eu não te disse que ele era muito amigo dela?».

## X

Passada a turvação, resolvi não estar na aldeia; porem, um outro pensamento,



próprio da minha idade e alma de então, venceu o primeiro. Queria ver-lhe a campa, queria que me contassem a agonia dela. Meu cunhado havia de sabê-la... Fui.

O padre-mestre recebeu-me com afabilidade. Acharam-me todos mudado, mais magro, mais feio, e muito triste. Logo que pude falei em Maria a minha irmã; respondeu-me secamente, «morreu tísica... reze-lhe por alma».

Que dia aquele, meu caro poeta! A uniformidade de trajos, nas mulheres daquela aldeia, fazia-me ver em todas. Das janelas avistava os lugares onde estivéramos juntos. A mesma fonte, a mesma sombra de castanheiro, o mesmo socalco de relva, tudo, menos ela!

Ao toque das Avé-Marias dessa tarde, num vasto salão sem luz, quando o padre-mestre proferiu *O Anjo do Senhor*, ergui as mãos, orei fervorosamente por Maria, senti desabafar-se-me o coração em lágrimas, e fiquei melhor.

Ao anoitecer, saí. Fui ao adro do presbitério deserto, espreitei pelo óculo lateral da porta, vi a luz baça da lâmpada estirando-se nas sepulturas, imaginei a de Maria, e orei ainda. Depois, fui longe, muito longe, por devesas e charnecas, palpando a imagem dela nas sombras, sentando-me onde a primeira e a última vez lhe falara.

## XI

No dia seguinte, disse-me meu cunhado:

«Sabe alguma coisa de anatomia?

– Eu fiz um exame.

«Atreve-se a ajudar-me a preparar um esqueleto?

– Poderei ajudá-lo.

«Então, guarde segredo, porque é preciso que meu mano padre o não saiba. Temos de ir à igreja desenterrar um cadáver de uma rapariga que morreu tísica.

– A Maria do Adro? – atalhei eu com estranha vivacidade.

«Sim: quer?

– Quero, quero. Vamos hoje mesmo desenterrá-la?... Não estará ainda corrompida?

«Não: como estava muito magra, bem sabe que os tecidos que primeiro se corrompem são celulares... É natural que nem sequer cheire mal. Em todo o caso, levaremos água de cal para borrifar o cadáver...

## XII

Lembra-me que fuzilavam os relâmpagos duma trovoada de Agosto quando entrámos na igreja, pela porta da sacristia. Já lá tínhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na igreja, alumiada a espaços pelo lampejo dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei maquinalmente, e senti os sustos dum sacrílego.

Meu cunhado deu-me ânimo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamo-la no pendor com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as tábuas laterais do esquife. Não consenti daí em diante o uso da enxada. Tirei a terra às mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as formas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vértebras, e pedaços de hábitos mortuários, contudo angustiava-me uma sensação de náusea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei.

Meu cunhado, vendo-me descorar, ofereceu-me um vidro de espírito, que eu não aceitei. Prossegui na exumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadáver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei devagar o pano, e vi Maria.

Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sobre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma nestes lances creio que se aniquila. Há dores que o homem não pode, e Deus quando as dá assim, permite a letargia, a morte passageira, a paralisia dos órgãos condutores da impressão.

Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso..., de médico, e afectou um ar de estranheza que eu antes quisera não fosse fingida.

### XIII

O resto do trabalho lê-lo ele. Eu sentei-me na cadeira paroquial, procurando as minhas ideias, que me fugiam em turbilhões. Como privado de alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da igreja, e o ranger das árvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como transido de medo. Era no estio, e sentia uma espécie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito.

O cadáver fora lançado num cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma asa do cesto ajudando a transportá-lo para um mina seca na margem do rio.

O dia seguinte fora o designado para dissecarmos o cadáver. Prepararam-se escalpelos, tesouras, e bisturis, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada à cama, e achou-me passeando no meu quarto.

«Já a pé! – disse ele, admirado.

– Ainda me não deitei.

«Como?! – E abriu uma janela para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher à cama. Quis resistir à ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumprida.

Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui perguntei que remédios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com panos ensopados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas desta família endoideceram...»

### CONCLUSÃO

Falta dizer-te, meu caro Barbosa, que o esqueleto de Maria está no quarto de meu cunhado. A caveira é de uma alvura de jaspe. Os dentes conservam o verniz de esmalte. As falanges daquelas mãos que eu beijava não tem a mais pequena mancha. O seio onde lhe bateu o coração está vazio; todavia a simétrica inserção das costelas fez-me lembrar a cúpula duma urna, onde um anjo do céu veio buscar um coração que não era de cá.

Diz-me tu agora:

Estas impressões, no princípio da vida, não explicam a demorada agonia de vidas mais dilatadas? Pode-se morrer mais que uma vez. A sepultura é que é só uma para cada homem. É este o segredo do epitáfio de Scoto:

*Semel sepultus, bis mortuus.*

Se eu morrer na tua terra, dá-me este epitáfio, ainda que seja esculpido numa tábua.

## SETE DE JUNHO DE 1849

Trabalhei muito por compreender todas estas coisas, e assentei que o homem não pode entender as obras de Deus; nem achar a razão do que sucede debaixo do sol.

ECLESIASTES IV.

É, pois, um santo e saudável pensamento orar pelos mortos.

MACABEUS.

Vamos recordar um amigo comum, meu caro Barbosa. Faz hoje oito anos. Era em uma manhã assim formosa de poéticas louçanias como esta.

Eu conhecera José Augusto na véspera deste assinalado dia. Contemplara-o muitas vezes com a preocupação dum convicto frenologista. Achava-lhe no rosto, nas maneiras, no ar, um cunho de distinção, não sei que aparte de todos os rapazes da sua idade. Tinha ele um exterior frio, que muitos, e eu também, reputavam soberba. Era muito pouco mesureiro, e recebia com desdém ou indiferença as cortesias, como se entendesse que era obrigatório considerá-lo um homem excepcionalmente admirável e respeitável.

A mim afigurou-se-me um fidalgo de província, educado pelo capelão, fruindo alguns mil cruzados de renda, ignorando tudo menos algumas receitas de veterinária, presumindo com herdeiras ricas, e arremedo de algum primo, que esteve um inverno em Lisboa, e voltou para dar o tom à província onde se fez a fera, o leão de campanário.

Enganado por esta suspeita, não quis ser apresentado a José Augusto, e ele, de génio inglês, não apertava a mão aos que o conversassem sem o precedente da apresentação.

Até simulávamos recíproca antipatia, e razão havia para ela, desde que nos encontramos em crua guerra por causa das célebres rixas do teatro lírico de 1849, no Porto, em que eu fui um tolo, e José Augusto um pretendente.

Uma noite, porém, no Café-Guichard, o nosso amigo sentou-se à minha mesa, e não sei o que me disse acerca de uma poesia-folhetim, que ali estava, rica de erros de sintaxe, e injúrias ao senso comum.

Gostei do intróito. Parecia-me outro, com grande vantagem sua, José Augusto. Por pouco nos não franqueámos os segredos do coração um ao outro. Estivemos em conversação agradável algumas horas, e ajustamos um passeio a cavalo na manhã do dia seguinte.

Faz hoje oito anos: dia da romagem do SENHOR DA PEDRA, ao sul do Porto duas léguas, na costa de Espinho.

Às cinco horas da manhã apei à porta de José Augusto. Achei-o dormindo no quarto, de onde meses antes, saíra Jorge Artur, a precipitar-se no Douro. Foi esta uma coincidência que não merece nota; porém, para mim, teve-a, e não ligeira. Eu acho as harmonias desgraçadas de todas as coisas. Avulto, à feição das minhas quimeras, o que os outros amesquinham com a sua indiferença. O meu espírito é pequeníssimo: qualquer coisa o enche.

As iniciais de Jorge Artur, e as iniciais de José Augusto... até essa coincidência do

alfabeto me deu que cismar!

O nosso amigo acordara bem humorado. Não havendo ali quem me guardasse o cavalo, disse-me José Augusto que o trouxesse para o seu quarto. Ora, o quarto estava na plana do corredor, ao rés da rua e não era a primeira visita semelhante que recebia. Entrou o cavalo para o quarto, enquanto José Augusto se vestia, e a dona da casa, acordada pelo pisar estrondoso do irracional, dizia de lá que éramos todas a mesma gente. Coitada da pobre senhora! Dizia muitas destas amabilidades, e tinha razão.

Sáímos para a romaria, não menos alegres que o populacho que enchia a estrada. Comunicavam-nos a sua alegria de bailadeiras incansáveis, com o vestido arregaçado a meia perna, e os garridos lenços soltos ao capricho das evoluções lúbricas da *Sirandinha* e *Cana verde*. Chasqueávamos os carroções, tirados por parelhas de gemebundos bois, costa acima por aqueles algares de Vila Nova de Gaia, a trasbordarem cabeças de numerosíssimas famílias que se empilhavam, sabe Deus como. Aproveitamos o ridículo de tudo, e até do sério tirávamos o sal que a nossa alegre imaginação lhe emprestava.

Chegamos a uma légua do Porto, e encontramos uma graciosa aldeia marginando de ambos os lados a estrada. Notei uma pitoresca morada de quatro janelas envidraçadas, com rótulos verdes. Respirava frescura aquela casinha de um exterior tão limpo, tão cuidado, como se ali morassem as fadas dos contos, que se aprendem na infância, e ficam entalhados na alma, como a expressão plástica do belo, que a imaginação adulta não sabe pintar melhor.

«Ali – disse José Augusto – moram duas lindas mulheres. Já as vi algumas vezes, e, quando as vejo, fico pensando nelas alguns dias.

– É o que hoje lhe não acontecerá – disse eu – porque não vimos nada.

A alguns passos de distância, José Augusto parou, e disse:

«Deixemos passar esta gente para ficarmos sozinhos. Quero que veja um lindo local.

Era, certamente, lindíssimo o sítio que estava a cinquenta passos de nós, na margem esquerda do caminho.

Via-se a casa meio arruinada do morgado de Vilar de Paraíso, Fernando Camelo. Nas paredes afumeadas abriam-se algumas pequenas janelas de rústico lavor, com portadas de pau, por detrás dos fragmentos de caixilhos, que as ventanias despojaram dos vidros.

Ao pé da casa estava a igreja matriz, mais pequena que uma capela particular, com o sino enforcado entre duas tranqueiras de pedra, e um carvalho corpulento de cinco séculos, abraçando com a rama a torre, e cobrindo com a sua larga copa o adro, a igreja, e a escadaria larga que levava ao adro.

Nos campos que circuitavam o outeiro, em que o século XIV vira surgir o solar dos Camelos, pastavam algumas vacas com os novilhos, e uma água farejava e lambia a cria que se espolinhava na relva. Ouvia-se a preguiçosa toada de uma cantiga pastoril. Tem uma suave tristeza este cantar dos campos, mormente para os que foram criados na aldeia. Há poesia, há saudade, há reminiscências da alma inocente nesses instantes de recolhimento: há tudo, menos a esperança para o habitante das grandes cidades, onde, em cada dia, se alarga mais a voragem dos prazeres simples.

Sentíamos o mesmo ambos; dizia o mesmo o nosso silêncio. Entrara em nós um ar de melancolia que nos quebrava as forças e a vontade com que saíramos do Porto.

Assim estivemos meia hora, ou mais seria, naquele alheamento de sentidos.

José Augusto disse-me que a sua vontade era viver naquela casa, ser o que poderia ser na sua aldeia se nunca de lá saísse, amanhecer ali em cada novo dia com o coração cheio das esperanças moderadas do homem da natureza, que está sempre mais em

contacto com a Providência divina, e nunca se arreceia dos seus rigores.

Prosseguindo neste respirar de boa alma, exaltou-se até ao sentimento do amor fino e quase incompreensível como nós sabemos, meu caro Barbosa, que era o amor em José Augusto.

«Aqui – prosseguiu ele – a mulher teria o valor que lhe dá a primeira paixão. Deus e ela seriam aqui todas as minhas afeições. Veríamos, a toda a hora o céu, onde a nossa ventura, interrompida um instante pela morte, se continuaria no seio da bem-aventurança. E onde está essa mulher que pudesse dar-me ali a felicidade?! Não a há, talvez, porque tenho sido, e serei sempre enganado pelo prisma que já agora se vai embaciando.

Aquelas mulheres que além moram, na casa que eu lhe mostrei, devem ali ter vindo muitas vezes sentar-se debaixo daquela árvore. O que sentirão elas?! Como terá sido o desenvolvimento daqueles corações a este ar balsâmico de inocência e perfumes do céu?! Estão para aqui escondidas duas flores, que dariam um aroma de vida a homens expirantes de cansaço.

Quem me dera vê-las surgir agora além, no portal da igreja, onde muitas vezes irão derramar na oração o amor indefinido que lhes enche o seio?... Aqui estou eu amando mulheres que apenas vi duas ou três vezes de passagem! Será isto poesia? O mundo tem sobeja razão de escarnecer os poetas!... Vamos daqui: esta tristeza é de mais. Por mais anos que eu viva, jamais esquecerei este dia, e este sítio, e as saudades que senti».

José Augusto era poeta. E poeta o que é?

Poeta é aquele que desmente as leis anatómicas e fisiológicas, vivendo do princípio vital de uma única entranha: o coração. Poeta é o elo solto da cadeia social, excrescência bastarda neste mundo, pérola perdida em lamaçal de javardos, pompa e lustre das decorações teatrais a que assiste, ressonando, com a chusma de espectadores acéfalos, e abençoados da estúpida fortuna.

Poeta é o amante da noite, da solidão, da lua, das estrelas, do mar, da fonte, da viração, do rouxinol, dos mil ruídos do silêncio nocturno, das mil notas que salmeiam cantares a Deus.

Ser «poeta» não é ser metrificador, alinhador de compassadas sílabas, mestre de pausas, e infatigável esmerilhador de consoantes.

O poeta raras vezes faz versos; e, se os fez, além dos vinte e cinco anos, é infecundo, porque então lhe entrou na alma a noite do desengano, apagados os alvares da estrela, que lhe pronunciara um dia magnífico. Desluz-se-lhe o ar que o arreara de resplendores; vão-se os perfumes que lhe incensaram o altar dos primeiros ídolos; fecha-se o templo da fanática devoção; e, daí até ao fim da vida, a esperança, balda sempre, o seu amor, sempre vago, sempre sedento, é o devorar-se interior, uma constrição de alma sem espiráculo.

Nesta, ainda bem, pequena tribo de infelizes, há alguns que nunca envelhecem mártires, cuja coroa de espinhos inflora ainda sobre cabelos brancos.

Não é porque a terra lhes brote fontes onde eles mitiguem a sede de indefinível amor. Ao revés; todas as mágoas do desengano porfiam em maltratá-los. A sua confiança, desvendada hoje, cega-se amanhã de novo. Uma mulher os despenha, outra os levanta; uma despe as louçanias, que alindavam o limo terreno, outra se enfeita com as canduras prestigiosas do anjo. Diante do poeta está sempre a imagem sonhada. Viajeiro sem horizonte real, o seu deserto é confim do céu, e o poeta não vê jamais que, para a sua alma, aquém desse horizonte, está o impossível; e se o vê, se o sente, não há redimir-se do seu fadário.

Voltemos ao conto:

Dali, até ao arraial da romaria, raras palavras trocamos, separados pela distância que, sem consulta, nos interpusemos.

Chegados à praia, onde está a capelinha do SENHOR DA PEDRA, fizemos oração sem pejo de que nos vissem os nossos ilustrados amigos que dispensam Deus. Depois, encostamo-nos a um pinheiro. ouvindo cantar ao desafio.

Mais tarde comemos o nosso sável, improvisamos duas conversadas, que nos chamavam *cassacas*, e saímos do arraial com uma festança em que berravam desesperadamente três clarinetes, e um zabumba.

Em Vilar de Paraíso, outra vez defronte daquela igreja, deixamos a *estúrdia*, e reatamos o fio das nossas contemplanções.

Saímos de lá ao anoitecer.

Vi as duas mulheres da casinha pintoresca. Pareceram-nos realmente belas, e dali ao Porto fantasiámos poemas em que os *dois anjos do ermo* volitando no fulgor da estrela vespertina, desciam a inspirar-nos.

Acabou-se a história.

Tu sabes que estas linhas podem ser a introdução de uma grande tragédia.

É cedo para escrevê-la; mas podes, José Barbosa, dizer aos teus leitores suspensos, e queixosos do desinteresse do conto, o seguinte:

Seis anos depois, naquela igreja, em que estivéramos absorvidos longo tempo, esteve três meses embalsamado o cadáver da esposa de José Augusto, à espera de uma sepultura.

A esposa de José Augusto era uma das meninas da casinha de rótulos verdes.

José Augusto... bem sabes que deu um Ósculo na face morta de sua mulher, e foi três meses depois, recebê-lo no céu.

Ele sabia que era lá o destino do seu amor.

Aqui tenho uma carta sua, escrita meses antes da morte dela. Copiarei algumas linhas: «...Única mulher que amei, como sei e sinto que só tornarei a amar no céu. E essa mulher vejo-a aqui tão pálida «e desbotada como a flor dos túmulos...»

Silêncio, e respeito às cinzas de um grande desgraçado.

Hoje relerei estas cartas diante do retrato de ambos.

Há umas palavras *De Maistre* que eu sei, que eu tenho no coração.

São estas:

*Ah! comme mon coeur est plain! comme il jouit tristement lors que mes yeux parcourent les lignes trace es par un être que n'existe plus! Voilà ses caractères, c'est son coeur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et cette lettre est tout ce qui me reste de lui!*

Como isto é melancólico, meu amigo! E que mundo este...

Adeus.

## DO PORTO A BRAGA

### I

*De como Fernão Mendes Pinto foi um choramigas, e declara-se onde vamos, depois de muita erudição a este respeito, como, por exemplo, fala-se no urso branco, e outras alimárias. Diz-se que o diabo está na Torre da Trindade, e outras coisas tristes de se lerem. Trata-se do jarrete do cavalo, e da espinha lombar respectiva. De como o veículo era um lagar, e do mais que a este respeito se disser. O autor chama bruto ao dono do carro, com o devido respeito.*

O título deste escrito, como vêm, é modesto. Os trabalhos e mortificações de Fernão Mendes Pinto são uma patuscada confrontados com as angústias deste viajero, que convida os leitores piíssimos a compadecerem-se das aventuras de quatro homens que foram... a Braga!

Riem-se? Então larguem o livro, porque não podem compenetrar-se da compaixão que o caso pede, e injuriam com o riso a dor três vezes respeitável do homem que, no Porto, se desvia, um pouco da *Praça-Nova*, e se afoita a sair fora das barreiras com dois pares de peúgas e uma camisa num saco de noite.

Cala-se a admiração que nos pedem os cronistas de Vespúcio, de Zarco, de Colombo, quando experimentamos o que é andar em terra firme, sobre quatro tábuas movediças, em ar de carroça, onde não há a calma dos mares, ou o movimento imperceptível da vela, que lá nos leva, tangida pelo sopro da viração suave. Desaparece todo o ponto de semelhança entre viajar em água, ou jornadas em terra, se descemos às comparações mal cabidas em lavor grave como este, mas indispensáveis para que se não diga que lamuriamos com pequenas coisas. Lá chegaremos.

Eram 5 horas da tarde de 26 de Junho de 1856, quando nos reunimos quatro homens, que, nascidos na Grã-Bretanha, teríamos morrido onde morreu Franklin: tal é a aspiração que sentimos para o desconhecido, e a ânsia que nos rala de não sermos contemporâneos do infante D. Henrique. Filhos de Inglaterra, ou do aventureiro século das nossas descobertas, de certo, a não morreremos de tédio na cama, teríamos sido o pábulo dos crocodilos indianos, ou andaríamos hoje na circulação sanguínea dalgum urso branco. Aqui porém, e depois de peregrinarmos três dias, tal desalento se apossou de nós que todas as probabilidades nos levam a crer que morreremos em algum catre de estalagem devorados por percevejos. Morte afrontosa e suja!

Reunidos, pois, no largo da Trindade, L. B. – J. B. – E. B. – e este vosso atento venerador e criado, estávamos ali esperando que o auriga ajazeasse as horsas, e as atrelasse à ambulância, inominada ainda na grande variedade de locomotivas, desde o carroção-Oliveira<sup>1</sup> até ao *gig*. Na fisionomia de todos quatro via-se a palidez do receio, aquele medo invencível aos mais corajosos, se cometem uma empresa de muitos perigos, posto que de muita glória, quer vençam, quer pereçam nela. Este terror é permitido ao árabe que mata um leão a tiro; ao navegante que fita a agulha no polo; e ao destemido que vai a Braga! Depois destas empresas angustiosas só conhecemos o artigo do fundo, e o drama em 5 actos com prólogo.

Estávamos, pois, em muda conversação com os nossos espíritos, quando o

---

<sup>1</sup> *Manuel José de Oliveira* é um nome respeitável do Porto, proprietário de inumeráveis carroções, cuja alma ele é, e irá com eles, de metamorfose em metamorfose, até ao derradeiro bocejo da humanidade.

carrilhão da Trindade badalejou a ária do *Rigoletto*. A indignação espertou-nos do êxtase doloroso. Esporeou-nos o ânimo abatido aquele estranho insulto às artes. Diz *Werner* que depois da palavra divina, o mais delicioso que pode ouvir-se é a música. Seria; mas o diabo empoleirou-se, faz hoje cinco anos, nos coruchéus da Trindade, e a música tornou-se o seu palavreado satânico.

Desejamo-nos então longe do Porto. Calaram-se receios, e saudades. Cederam à zanga os sentimentos grandes. Partimos.

Principiaram os trabalhos. Nós éramos quatro, o carro tinha quatro lugares, porém, faltava um para o chapéu de E. B. Tive então motivo para entender e justa cólera com que Alphonse Karr fulmina o chapéu canudo, este monstro de felpe que atravessou intacto as revoluções sociais dos últimos cinquenta anos. E. B., receando eclipsar-se nas cavidades insondáveis do seu chapéu, sendo internado nele por um dos solavancos do carro, apelou para a generosidade de J. B., e alcançou um boné portátil, que o pôs a salvo do jogar de cabeça contra a abóbada da locomotiva, e nos salvou a nós de uma trabalhosa defesa contra as agressões desta catapulta do *Maia e Silva*.<sup>2</sup> Deslocado o chapéu, era necessário acondicioná-lo no porta-malas, ou recebê-lo entre os braços como se faz a uma gorda criancinha de seis anos, vestida de martas. Além não podia ser, porque a nossa bagagem era volumosa como convinha a homens que iam com esperanças de passar lá fora longo tempo, endireitando as fracturas das pernas antes de repousar no seio da família. Foi preciso, pois, tomá-lo nos braços, ou apertá-lo entre os joelhos, porque, se o pendurávamos, a avalanche deslocava-se, e, caindo, semeava entre nós a discórdia e a inquietação.

Que nos perdoem os espíritos fortes: o nosso trem era um milagre. Como um dos cavalos, se o eram, variava o choto favorito, tremelhicando sobre o jarrete da perna direita em rodopio convulsivo, isso é que eu nunca entendi, posto que me tenho esmerado em estudar a patologia veterinária para certos efeitos. Nada mais pungente que a espinha dos nossos hipógrifos desasados! O da direita era de uma subtilidade nervosa tal que, ao estalar do chicote, respondia, abaixando a orelha. O da esquerda, sensível às suas reminiscências de 1810, alongava as cordoveias do pescoço, a cada vergoada estridente; e algumas vezes, olhando para cima, franzia e enviesava o beicho superior; e, com esta careta, parecia rir de nós, ou provocar, zombando, como Hamlet, o seu triste fado.

O carro era coisa assim a modo de lagar, com bambinelas pênseis de oleado, e almofadas de marroquim, estofadas de caroços duros, que confundiam acerbamente as carnes. Os recostos eram de ferro estreme, inflexíveis ao choque das costelas. As portinholas, o pavimento, e o resto da madeira, bem aproveitada, construía um navio de 300 toneladas. O castanheiro, abundante em Portugal, permite este luxo de matéria-prima. A mão-de-obra, se lha dessem, viria desbastar a solidez da forma, e roubar à natureza bruta as suas prerrogativas, mantidas pelo proprietário do carro, homem gordo, bruta natureza, consubstanciada com o veículo.

Aí está o teatro da menor parte de nossas angústias. Potro móvel de torturas corporais, ainda assim, em confronto das que nos esperavam, pode dizer-se que uma sultana não se senta em mais flácidos coxins. O que fizemos, logo que entramos, e sentimos o risco da nossa situação, foi aconchegarmo-nos como os meninos no lago dos leões, de que reza a Bíblia.

O senhor Jesus do Monte, em cuja romagem vamos, nos tenha debaixo de sua mão, e avante!

---

<sup>2</sup> Prevendo que estes folhetins vão ser traduzidos, convém que o tradutor alemão, e os outros, saibam que *Maia e Silva* é um chapeleiro dos mais imaginosos da rua de Santo António, no Porto. Não queremos a imortalidade só para nós.



## II

*Em que o autor tenciona ser sério, grave, e majestoso como o caso o pede. Depois de muitas coisas, que devem fazer sensação no público, o autor declara que não é comendador.*

É preciso bosquejar o vulto moral dos meus companheiros.

L. B. é o tipo completo da estremada bondade. Obriga-vos a estimá-lo, antes de vos dar de si e das suas qualidades uma ideia justa pela convivência, e pelo trato. Tem a alma no semblante. A delicadeza com que vos acolhe chega a ser carinho, sem efeminação, sem o nauseante melindre dos affectados das salas, que julgam estar sempre em trocadilho de finezas com mulheres tolas. Tem trinta anos, e falava-vos com a madureza dos cinquenta. Não é porque as paixões da mocidade o envelhecessem prematuramente. L. B., a meu ver, rebate os golpes do amor, que incomoda, com o escudo da prudência. Domina-o a cabeça mais que o coração, se estas duas potências travam peleja. São em pequeno número os dotados deste temperamento; e, se a excepção, com o andar dos tempos, viesse a ser regra, a humanidade seria um congresso de anjos, e os fazedores de romances e dramas sanguinários podiam tratar doutra vida.

L. B., fala pouco, e nem sempre escuta os que lhe falam. Abstrai-se, e, para não desconsolar o falador, dá à cabeça o movimento regular duma pêndula. Se lhe conta aventuras de rapaz, escuta-vos com religiosa atenção; mas não espereis uma revelação por outra. O mais que faz é rir-se convosco das vossas veleidades, e alguma vez da fatuidade com que eriçais a juba do leão. Não julgueis que o seu sorriso é de credulidade. A bondade não tolhe os foros da crítica. L. B. conhece perfeitamente os parvos, e, sabendo em que mundo está, tem o bom siso de os respeitar. Sem isso, ele não teria catalogado uma excelente colecção de anedotas contemporâneas, que traz frisantes e salgadas sempre, sem descobrir a criatura ridícula delas. Resta-me dizer-vos, com grande espanto vosso, que L. B. não é literato, nem dramaturgo, nem jornalista, nem sequer poeta! Fala e escreve um português chão, desenfeitado, correcto, e claro como a sua fisionomia, como as suas intenções, como a sua excelente alma. Homem – e diz-se tudo assim – que lhe merecer amizade, tem encontrado as delícias de Séneca, o tesouro de Santo Agostinho, e a pedra filosofal do século XIX.

E. B.: qual de vós não conhece E. B.?! O escritor é de todos: anda na imaginação de cada um que lhe tem de cor um pensamento, uma máxima, um verso. Nesse verso iria a sua mais querida aspiração? E, recebida ela na maioria dos outros, não se deu aí uma intimidade, uma núpcia que ata para sempre o poeta à admiração do leitor? Não sei se me entenderam; mas eu queria dizer que E. B., publicista há doze anos, ainda que pouco tenha dito de si, define-se pelo que há dito dos outros.

Aqui tendes uma maravilha: E. B. não tem o seu nome no frontispício de um livro!

A água estanque em ampla bacia, reflectindo a lua, é um belo espectáculo; mas, se o quereis mais belo, deixai derivar essa água em pequenos arrosios pela esplanada dos prados: então, é mais dilatado o brilho, mais engraçada a combinação da relva com a prata do gatinho, onde brincam as estrelas, espelhando-se.

Assim vão correndo repartidas e destiladas a pouco e pouco as, belezas de um talento, que se não dá da prova do livro em quinhentas páginas, e nem cura de saber se, para a immortalidade, é necessário o foro grande de um romance em seis volumes. Se lhe perguntais porque não escreve livros, responde-vos que não sabe, e pendura pelos cabelos na picota da irrisão alguns que os fazem. Se lhes dizeis que cobre paciência para

o trabalho aturado, e escreva um livro, que seja flama purificada do muito que leu, responde-vos que esqueceu tudo o que sabia; e com os olhos postos na deusa da ociosidade que lhe sorri de entre o fumo do charuto, murmura, na mais santa beatitude, uma cáustica apoteose aos sandeus que escrevem, sem poderem dizer que esqueceram alguma coisa que souberam. Se lhe dizeis que recorde o que soube, chama para o colo as suas três lindas filhinhas, brinca com elas como criança, beija-as, e pede a uma delas, de três anos, que recite duas poesias que sabe de cor. Compreendeis a resposta? É que as esperanças nobres, superiores à baixeza de outras que se não erguem do chão, tiveram ali o seu complemento, embora mirassem por outro prisma que aos vinte e cinco anos se desfaz em lágrimas, ou a sociedade no-lo quebra na cara. Para as tempestades do moço, e do moço poeta, não há senão um porto, e são muitos os naufrágios.. O porto achou-o E. B., que o merecia: é a paz doméstica, a santidade das afeições de esposo e pai, tudo que há de melhor abaixo do céu.

Aí tendes o meu amigo de oito anos, o mais antigo de todos, época feliz em que alcancei quatro, dois dos quais não têm já neste mundo senão o nome em raras almas que o mereceram.

O outro é:

J. B.

Leste VIVER PARA SOFRER? Se tiveste o tacto de respirar num livro, aqui e ali, o coração do autor, achá-lo-íeis. Não vos quero denunciar aonde, porque a amizade não dá azo a tanto. Surpreendam-no lá, se podem; que eu lho diga, não. Vede a fisionomia serena deste homem: invejar-lhe-eis a paz íntima, o recolhimento ditoso em que parece adormecida aquela alma, no seio da bem-aventurança. Não o julgueis assim. Lá dentro vão tempestades como as dos belos lagos de Itália, que se não bolem sequer agora, à cristação de uma brisa, e tem dentro a vaga que logo se levanta com o dorso eriçado de tormentas. Ali não está só o poeta que vive

Morrendo por um nada,  
Que desejado aflige, e havido enfada.<sup>3</sup>

Há mais, há o pior das quimeras mortas, o veneno delas que fica, depois que o verme da saudade lhe sorveu os sucos bons. E daí, aquela imersão e tristeza profunda, de onde não há salvá-lo, sem que a sezaõ tenha cumprido sua fase. Noite alta, a insónia trava-lhe da imaginação afogueada, e o vizinho do seu quarto, ao amanhecer, escuta os passos monótonos do autómato, que se move, enquanto a alma, desatada do corpo, corre triste fadário. Não sabeis de certo o que é o enojo da vida, sem desejar a morte, porque a zombaria da esperança cava-nos abismos, e, se nos vê em perigo de resvalar, transforma-no-los em flores, mas flores com espinhos sempre. Oh! meu Deus! não é melhor ir com os olhos postos nas estreias, e cair de chofre em um poço, como o filósofo grego?! Este morrer a retalhos, para nós que não somos ténias, é sobremaneira indecoroso!

Não cuideis, porém, que J. B. é algum Manfredo de faces cavadas e cabelos hirtos, como ele se pinta nas edições ilustradas de L. Byron. Maravilha é vê-lo, no baile, modelo de obsequiosas finezas às damas, e esmerando-se em não esquecer os cavalheiros. O sorriso de convenção, o ademane cultivado lá fora em alguns anos de viagens obedecem-lhe sempre, e dão-lhe um ar de contentamento que muito deve penhorar os donos da casa; e assim é bom para que não fiquem só penhorados os que se retiram, já

---

<sup>3</sup> F. d'Álvares do Oriente.

que os jornais não permitem outra coisa.

J. B., oficioso por educação, conhece que não pode furtar-se aos obséquios com que a sua ampla roda procura galardoar-lhe o merecimento.

Nesta tarefa, de que Deus me livre pela sua infinita misericórdia, consome J. B. muitas horas que precisaria, se a literatura não entrasse na sua educação simplesmente como ornato. Não obstante, a aplicação, a paciência, e a vontade tenaz, noutra época, fizeram que ele, aos vinte e oito anos, conheça línguas e a literatura de cada uma, tanto quanto a sua modéstia, e algumas vezes a sua índole acanhada, fazem, por esconder aos que o não têm acompanhado no seu progressivo desenvolvimento.

Aí estão os meus companheiros.

Agora, ides de certo pasmar, se eu vos disser que nenhum deles é sequer comendador!

### III

*Vê-se que o autor tem visto muita coisa, e fala de muitas quadros que deseja ver. De como os heróis queriam ter a bicha solitária, e diz-se que a Mariquinhas comia pescada. Tristezas mofinas do autor. Saudades das suas alparcatas, e reflexões judiciosas a este respeito, como do capítulo melhor se vera.*

Eu tenho grandes tendências para o pintoresco, grande paixão pelo idílio, e devoção idólatra das florestas e das serranias alcantiladas. Gosto de tudo isto muito, extasio-me nos arrobos de Teócrito e Delilie; mas hei-de estar em casa, com as janelas bem calafetadas, resguardado das brisas, fomentadoras de catarros, espreitando a natureza pela vidraça.

A paisagem gosto dela nas litografias da *Ilustração* francesa.

No quadro da *Primavera*, de Callet, respiro o aroma das flores, amplio com a imaginação o horizonte do céu cor de ametista, oiço os trinos da calhandra que ramalha na copa da avelanzeira, vejo o belo que está e não está no quadro. Se, porém, caio na inocência de procurar as delícias do original, fujo para casa a tiritar de frio.

No quadro do *Estio*, de Durameau, acho encantadora a abóbada viridente das matas, o braço enlaçado das vergôntes dos parques, das dríades vertendo jorros de água límpida das orvalhadas ânforas, os regatos serpeando por entre a madressilva e o rosmaninho, as messes ondulando beijadas pelos zéfiros brincões, o tentilhão saltitando de frança para frança, os arvoredos rumorejando uma soidosa toada, o rouxinol cantando aos salgueirais as suas tristezas. Tudo isto vejo no quadro, vivendo, movendo-se, falando; mas, se a tentação de ver a realidade me vence, vem o pó, e cega-me; vem o calor, e reduz-me a manteiga; uma farpa de silva rasga-me o casaco; o chapéu fica-me espetado em um galho; outro fura-me um olho; e um porco, picado pelas vespas, bufa-me às pernas enraivecido. Oh! como é deleitoso o estio.

No quadro do *Outono*, de Taraval, há um cordeirinho que ouço balar assustado do som das águas; uma pastora, toucada de malmequeres, com uma arregaçada de apetitosos pomos; o vale, pejado de frutos, suavizando, como contraste, a agrura da montanha fragosa; Pomona e Ceres, porfiando fecundidades; as rochas tapetadas de musgo; os passarinhos, mal emplumados ainda, trinando os primeiros cantos da sua liberdade, enquanto a mãe chilreia sobre a moita, acareando-os com o bico; a abrigada à sombra do freixo onde não coa o raio do sol; o salgueiro debruçado para ver a truta que faz piruetas no rio de fina prata; o sardão de cor da esmeralda logrando-se da sombra entre sarças e codessos. Isto é bom: disto viveram Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão Álvares, e Sá de Miranda. Todavia a natureza mudou, penso eu. Os rebanhos tascam na ervagem com o mais desconsolador prosaísmo; as pegureiras trazem a camisa suja e fiam estopa; os zagais nem tangerina nem entalham no córtice dos álamos as iniciais da pastora revel: o que eles fazem é comer o seu naco de broa, e atirar a sua pedra ao cabrito que se tresmalha. As árvores, lourejantes de frutos, tem uma sentinela à vista, que vos assula um cão lobeiro se lhes tocais. As sarças e os carrascos picam que tem coisa má. O eremitério rural, visto ao pé, toda a sua poesia é a égua do abade, e a ama de cujos filhos ele é padrinho. E, depois, às duas por três, se vos não precatais, a viração da tarde pode encher-vos o coração da deleite; mas no dia seguinte tendes sobre o peito um emplasto de pez de Borgonha por causa duma bronquite. Ora aí está porque eu sou um grande bucólico de estufa.

Não obstante, na qualidade de viajante, logo que o horizonte se dilatou diante do

carro, e os galões sobre melhor piso diminuíram, aventurei a cabeça fora das bambinelas para saudar o sol poente.

Há doze anos, foi aquela a minha hora de poesia. As minhas tristezas doces, os meus confusos devaneios, a minha costela de Petrarca sem Laura, tive-a então. Hoje acontece-me o que é natural. Vejo, e vi o sol no ocidente, pelos olhos da face que pouco vêm de enfraquecidos pelas repetidas oftalmias dos olhos da alma. O que fiz foi consultar o relógio para calcular o tempo que nos levaria a caminhada a *Carriça*. Os meus companheiros, mais poetas que eu, iam taciturnos; não é líquido, porém, ainda se o seu silêncio era tédio ou poesia.

J. B. quebrou a letargia, perguntando:

«O homem da bicha está em Vila Nova?

– É natural – disse E. B.

Esta pergunta, leitor, devia matar, se ela existisse, toda a poesia da hora, do local, e das circunstâncias. Desde aquele momento, os pinheiros, que bordam a estrada, afiguraram-se-me bichas solitárias; as listas rúpidas do arrebol eram ténias; ténias eram os frocos dispersos de pequenas névoas que se esvaíam no horizonte; e o homem, terror desta rainha das lombrigas, pareceu-me, de longe, um mito.

Deveis saber que L. B., J. B., e eu imaginamos que alojávamos no íntimo das entranhas, cada um, pelo menos, sua ténia. E. B., imaginou também que a tinha em casa. Todos quatro combinámos um plano de ataque contra a alimária que nos devorava os sucos. E. B. prevenira o bacharel formado em lombrigas para que nos esperasse em Vila Nova; e, para nós, era infalível, horas depois, estarmos em luta com o *entezoairo cestoide*, *toenia cucurbitania* de Lamarck.

E assim, antevendo uma velhice sadia, graças à extracção do parasita, saudávamos as boas digestões, um sangue mais puro, um espírito mais desempeçado das roscas do verme, e, sobre tudo, um tecido adiposo que nos habilitasse a exercer, sem desdouro, os cargos do município, ou a presidência de uma junta de paróquia ilustrada.

Nestas gravíssimas reflexões, chegamos à Carriça, e apeamos. A primeira pessoa que vimos foi a Mariquinhas, merendendo, salvo erro, um a lourejante posta de pescada frita em ovos.

Aí está o leitor imaginoso pensando que se lhe vai dar, como desenojativo a tanta sensaboria, uma *Joaninha*, a graciosa heroína das VIAGENS de A. Garrett.

Nada: não conhecemos disso. A nossa pequena não trata de pássaros, nem conversa o rouxinol à hora do crepúsculo, Os rouxinóis da Mariquinhas são uma ninhada de leitões, e, a respeito de aves só conhece as do galinheiro. Diga-se, porém, a verdade, a pequena tem nos olhos petos de muito chiste, e sabe fazer com eles coisas dos nossos pecados, e parece que não é só com os olhos. Um pouco abaulada das costas, isso não tira nada à flexibilidade de cintura. Diz graçolas com muita lhaneza de alma, e recebe com a impavidez de uma Virgínia às avessas as propostas menos edificantes. Se lhe dizeis que é flor perdida em matagal de tojo, e lhe oferecis a vossa casa, como jarra de porcelana, digna dela, por pouco vos não toma a sério o caso, e vos aromatiza de antemão com finezas de honestidade equivocada. Enquanto libávamos algumas botijas de cerveja, deliciamos o espírito com as argúcias de Mariquinhas, reforçadas pelas de uma matrona, tia dela, que nos deu exacta relação das pessoas suas conhecidas em Melgaço, e teve sempre a boca inóspita hermeticamente fechada ao riso para esconder o vácuo, onde os peripatéticos, horrorizados, queriam por força encontrar dentes. Logo que pagamos, em metal, as afabilidades de Mariquinhas e a cerveja, entramos no veículo, cujos cavalos escarvavam impacientes a terra e relinchavam não em timbre de furiosa ânsia de andar, mas naquele som seco e ríspido da pulmoeira.

Anoiteceu. Saudades amargas da minha cama cobriam-me o meu coração de

crepe. O meu barrete de dormir alvejou-me no horizonte escuro, como um sonho da virgem em ânsias por ente querido que se lhe perde. Reclinei a fronte calcinada sobre o peito, e meditei em profundo recolhimento sobre as minhas alparcatas. A intensidade desta angústia não hão-de os homens entendê-la, nesta época de cascalho e mala-posta.

Quando a esta terra vierem bárbaros com coração ainda virgem da lepra dos interesses materiais, haverá então quem compreenda as atribulações do viajero a cabecear de sono. Guardo para esses o entendimento do júbilo com que ouvi dizer:

«Estamos em Vila Nova».

Ao mesmo tempo, exclamou o tendeiro inquilino nos baixos da hospedaria.

«O homem já cá está em cima.

– Quem é o homem? – perguntei eu alvoroçado.

«O homem da bicha – replicou o auspicioso tendeiro.

Na fisionomia dos três, que se imaginavam suplementares à ténia, raiou a luz da esperança.

Subimos pressurosos à sala da consulta.

Agora o vereis.

#### IV

*Grande lamúria por se não saber o nome do homem. Facúndia de erudição a esse respeito, e declara-se a razão porque ele era o Epidauro de Gondifelos. O que ele fez quando nos viu, e os muitos monos que o autor conhece parecidos com ele. Diz-se que o homem semilhava vestido de cuecas. Ele e J. J. Rousseau. De como J. B. não tinha bicha, e o mais que a este respeito se disser. A solitária, vista à luz da filosofia, como verdadeira crença do poeta. O que o autor disse ao homem, e vê-se que ele tem em matéria solitária cinquenta por cento. A ténia e o sistema de Galileu, e outras coisas muito para se lerem, como do capítulo melhor constará.*

Eu tive a culposa inadvertência de não informar-me do nome e sobrenome de um sujeito que vai honorificar a página mais imbricada da minha peregrinação.

O meu primeiro cuidado, se eu não fosse um frívolo, logo que me aproximei de um homem ao alcance do folhetim científico, deveria saber-lhe o nome, a linhagem, as suas manias em criança, e outros muito adminículos que vem sempre a pêlo na boa avaliação de um tipo distinto.

Sabemos que o descobridor do fósforo se chamava Brandt; sabemos que Falópio descobriu um canal auditivo; sabemos que Ápio achou a maneira de conservar as ostras; sabemos que Bayle descobriu nada menos que seis variantes de tísica pulmonar, e deixou aos vindouros a gloriosa descoberta de curar uma das seis; sabemos que Harvey descobriu a circulação do sangue; sabemos que Lavoisier descobriu a teoria da combustão; sabemos que Newton compreendeu a atracção; Mesmer o magnetismo animal; um frade português a navegação aérea; outro português, pior que frade, o círculo bicudo; sabemos tudo isto, e arde-nos a cara de vergonha não sabendo o nome do varão prestante que mata a bicha solitária! A coima desta falta só pode descontar-nola o esmero que vamos pôr em. lembrar as impressões que sentimos – eu e os meus companheiros – nos rápidos instantes que a sua companhia nos deliciou na *estalagem real* de Vila Nova de Famalicão, onde apeamos no capítulo III.

Os grandes homens perdem, quase sempre, na aproximação. Excepções há, porém; e uma dessas é o ilustre mezinheiro. O doutor... (não temos certeza se o é; mas o direito com que lhe outorgamos ao menos um bacharelato está autorizado pelo arbítrio de semelhantes mercês) o doutor esperava-nos, visto que se lhe anunciou a chegada de uma carroça de vítimas da ténia, que vinham de longes climas a consultar o Epidauro de Gondifelos, ou aldeia que o valha.

Estava ele (eu já disse que todas as minudências são traços grandes nos vultos majestosos) estava ele posto gravemente sobre uma cadeira, naquela postura conspícua, termo médio, entre o grave e o desleixado. Ao ver-nos ergueu-se em quatro tempos, respondeu-nos com uma ligeira mesura de cabeça, e caiu em quatro tempos sobre a cadeira, afastando as abas da casaca inverosímil que, naquela atitude, semelhava a saltimbarca de andador das almas.

A fisionomia do doutor era um espelho do espírito. Por ela via-se quão enrugada e árida por lucubrações antilombrigóides não devia de estar-lhe a alma! A tez afumeada, cor do estanho, revelava o prolongado uso da retorta, o contacto das exalações mefíticas no laboratório químico, as perigosas experiências em toxicologia, a dolorosa provança porque há passado este obscuro Cagliostro até que, mais feliz que o outro, encontrou o antídoto infalível contra a ténia. A sua testa não era espaçosa nem escalvada; não se lhe descortinava lá o latejo das bossas, nem as pregas do talento frenético: o que lá se via

era o suor escorregadio de uma cálida tarde de Junho. Enquanto à forma, imaginai a metade de um coco. A grenha não tinha os arrepios fantásticos da de Cláudio Froulo, nem as ondulações desleixadas de Dulcâmara. Era um cabelo honesto sem ser vulgar: formava uma sanefa de torcadinhas sobre a testa, assim à maneira de berloques. As pálpebras abertas a canivete, tinham dentro o globo do olho, buliçoso como um grilo em gaiola de rapaz travesso, lúcido e coruscante, asivieiro e trêfego, como não há outro duas léguas ao redor de Vila Nova de Famalicão. No que diz respeito ao nariz, era anfractuoso de alcantis ósseos, degenerando nas abras em barbatanas cartilagíneas. Não obstante, era um nariz vidrado, luzia como verniz; e visto de soslaio, era um nariz curioso pela semelhança com a tromba do bugio marinho do norte. Os malares eram quadrados, relevados, em esquinas, como os do tajaçu do Brasil; e as orelhas, tesas e fitas como as do canguru da Nova-Holanda. A boca, umas vezes ajeitada pela distensão dos beiços, era o fac-símile do focinho do mono pataz; outras vezes, contraindo-se, em ar de reflexão sisuda e humanitária, disputava belezas com a do bugio mandril, abundante em Guiné. Quase que sem sairmos da família dos Chimpanzés de Lineu, tínhamos afigurado os traços essenciais do doutor. Era em resumo um homem bonito, menos efeminado que o Apolo de Belvedere; mas, por isso, mais insinuante pelo talhe varonil, pelo garboso da ária, pelos lineamentos tradicionais do coxo marido de Vénus. O que, apesar da natureza, lhe adulterava as formas era a casaca e o colete. Visto em ceroulas, por uma tarde do estio, acocorado entre os salgueiros de flumínea margem, di-lo-eis um fauno em uso de óleo de fígados de bacalhau.

A casaca e o colete eram singularidades adscritas ao talento. O doutor envergava uma casaca por a mesma razão que Rousseau trajava vestidos arménios, e um socialista francês, fautor dos *irmãos Moravios*, se vestiu de monge copta. A natureza talhara *ab aeterno* para ele a véstia de botões de chifre, até ao sacro, ou o colete de afogadilho até à quarta costela. O génio, porém, sempre inovador, em guerra aberta com a despótica natureza, encadernou-se na casaca ignóbil, vulgarizando-se até à planta do regedor da paróquia rural, e escrivão substituto do juiz-eleito. Como quer que seja as mediocridades não podem, sem ridiculizar-se, censurar os desvarios do génio.

O doutor, outra vez sentado, assumiu o seu ar de prestígio, investiu a realza do seu merecimento, mediu-nos de alto a baixo, e exprimiu no sobrecenho a altivez do orador de aldeia que vai dizer quatro prosopopeias a uma chusma de sandeus.

Eu disse a J. B.: – «Senta-te, e consulta o doutor.» Era necessário divertir o pasmo estúpido em que todos ficámos.

J. B. sentou-se. Não pude ouvir o relatório dos seus padecimentos. A sua voz era cava 0 misteriosa. Havia ali entre ambos uns visos de cabala, palavras surdas de feitiços, olhares vesgos de coisa ruim.

O doutor ouvia, e o pouco que dizia era acentuado, bamboando solene a cabeça piramidal. J. B. tirou os óculos; o doutor procurou a cabeça da ténia na retina, ao que parecia dos seus olhares perscrutadores. Nisto, a um sinal negativo do doutor, ergue-se J. B., e diz:

«Não tenho a bicha!

Não poderei descrever-vos o rosto desconsolado do meu amigo, sem ténia!

J. B. queria ter o verme; daria por uma ténia o mais importante dos seus intestinos. A lombriga das cem braças era a sua última quimera. Mortas todas as ilusões do coração, restava-lhe aquela no abdómen.

Nem essa! nem uma solitária para companheira no ermo da vida ao homem que busca dentro em si um outro *ego!*

O doutor disse, e permaneceu imóvel na cadeira, esperando um enfermo mais auspicioso. Devia ser eu!



Conquanto o descrever-me nesta situação original pertença aos meus galhofeiros amigos, eu vou ter a imodéstia de falar de mim. A ciência requer estas vaidades, assim como a história as absolve a César contando as façanhas próprias.

O DOUTOR: Então que sente?

EU: Dispneias frequentes; nevroses no aparelho respiratório; um borborigmo escumoso a partir do esôfago; pulsações lancinantes no estômago; beliscadelas ardentes na pele; e de noite estremecimentos súbitos que me despertam...

O DOUTOR (*interrompendo-me com um sorriso de inteligência*). Isso não são sintomas físicos; sem sintomas físicos não temos *probalidades*; a solitária tem os seus sintomas.

EU: (*mordendo o beijo o mais sintomática e fisicamente que podia para disfarçar uma gargalhada física*). Além disto, sinto uma profunda melancolia, um aborrecimento de tudo, um desleixo por tudo, inactividade para tudo...

O DOUTOR: As *probalidades* são cinquenta por cento. Ora diga-me: come bem?

EU: Pouco, e sem apetite.

O DOUTOR: Quando se tem a solitária, come-se bem, e ela ajuda a fazer a digestão. Ora como o senhor não tem sintomas físicos, as *probalidades* são cinquenta por cento. Deixe lá ver a língua... Está bom... É preciso fazer certa experiência para termos sintomas físicos. Isto há-de ser mais devagar.

Disse.

Ergui-me com os cinquenta por cento, e vi que os meus companheiros fungavam a um canto, uma risada, encarando-me com ar de compaixão.

E o doutor, imóvel, olhava para a cadeira onde devia sentar-se L. B.

Começávamos todos a sentir que a nossa posição era ridícula. Uma ténia moral fizera graves desmanchos no nosso juízo. O único dos quatro, superior à zombaria, era E. B., que se não julgava o pábulo duma lombriga ideal.

Em holocausto à verdade, declaro que fiz uma plangente figura! Andei vinte e quatro horas, coleccionando a nomenclatura técnica dos meus padecimentos, e tive o descoco de não levar um só *sintoma físico*, que desse ideia da minha ténia! *E pur si muove!* A bicha existe!

*No qual se lê muita coisa a vários respeitos, e nada se diz do capítulo VI, que há-de vir depois.*

A história da ténia não acabou ainda, leitor pacientíssimo! Não lhe esqueça que L. B., posto que não seja poeta visionário, também imaginou uma como os poetas imaginam virgens.

Poucos rostos tereis visto mais sadios, mais medrados, e menos expressivos da existência de um parasita que se aproprie o quimo duma digestão empecada. L. B. é atascado de boas carnes, goza as aparências duma enfadonha saúde, e, a não ter guapas e espessas barbas, recordaria a nediez e o chorume dum frade Bernardo, de gorda memória. De onde lhe veio a suspeita da solitária, isso é que eu não sei, nem o doutor em medicina verminosa soube também.

Eu de mim, suspeitando-a, tinha desculpa. porque me vejo diáfano como um silfo, leveiro como um dos gomos mensageiros de Oberon, e ressequido como folha do outono.

Nada mais razoável, nas minhas circunstâncias, que imaginar-me presa de todos os vermes de Raspail. É indispensável a existência de um bicho burlista que me empalma o quilo convertendo-o em substância sua, com grave detrimento do meu tecido adiposo que se vai encorreado com a polpa de uma solha escalada. A não ser isto, por mais que me digam, deram as bruxas comigo!

J. B. tem, não digo cinquenta por cento, mas ao menos uma probabilidade de solitária, por isso que a tristeza, o aborrecimento, e o desconforto são sintomas morais, às vezes, mais persuasivos que os físicos.

Se nem ele nem eu, investigados pelo doutor, tivemos a felicidade de alojar o verme, com que jus L. B. ousa nutrir a ambiciosa suspeita de ser a urna de um anelido com oitenta braços?! Que arrojo é esse de ir sentar-se, depois de mim, em frente do arúspice, que não acha em três homens reunidos uma polegada de ténia?

Perguntado sobre os seus padecimentos, L. B., naturalmente respondeu que não padecia nada; e o doutor, desesperado de explorar uma vítima do seu cosimento, mandou-o erguer, desejando-lhe a continuação da sua boa saúde.

E. B., com a sua delicadeza proverbial convidou o doutor a cear. Aceitou o mestre, sem fazer-se rogar, porque não quis cercear-nos a glória de o possuímos alguns minutos mais.

O nosso conviva, no que diz respeito à vida exterior, e mui peculiarmente à da trituração era humano a mais não ser. Lacónico como um *quaker*, mastigava ruidosamente como os heróis da Odisseia.

As camadas do bife e do fiambre sobrepostas, graças ao esmero serviçal de E. B., era muito para ver-se a rapidez com que o benemérito as embetesgava por entre as maxilas açodadamente buliçosas! Era um fogo visto! Aquele Lazariho de Fletcher tinha ali muito que aprender! À vista disto lembrou-me que muitos homens ilustres gostaram de comer muito. Todos sabeis que Descartes, surpreendido em grande comezaina, e deste modo interrogado: «Pois os filósofos gostam de gulodices?» Respondeu: – «Acha-se que Deus criou as boas coisas só para os parvos?» – Ora aí está como o inventor dos turbilhões se encontra com o inventor da mezinha contra a ténia, mais prestadio à humanidade que o outro, e, pelos modos, não somenos gastrónomo que ele.

O líquido não deixava precipitar o sólido. O nosso comensal emborcava copos de

vinho verde com uma regularidade que faria honra ao ponteiro dos segundos em um cronómetro! Perguntado por

E. B., se tomava um cálice de vinho do Porto, respondeu o mais concisamente que se pode:

«Nada.

– Não gosta? – replicou L. B.

– *Eu vevo do berde porque gosto de vover.*

– Se gosta de *vover*, *vova* – resmungou E. B., neutralizando um frouxo de riso com um tufo de fiambre.

Eu precisava abafar o assalto do riso inconveniente, chamando as atenções para assunto serio.

Perguntei:

«Tem a bondade de me dizer onde está a ténia?»

– A ténia – disse ele – está no duodeno.

Quis perguntar-lhe porque não estava nos intestinos delgados, e até no estômago; mas receei meter a foice em seara alheia, e colher grande messe de sandices.

«Ninguém – tornei eu – até hoje descobriu mezinha tão eficaz como a sua?»

– Ninguém.

– Dizem-me que o médico A. Albano por pouco não descobre o seu segredo.

– Andou por certo – respondeu ele, enchendo as bochechas de orgulho e fiambre.

«O senhor – ocorreu E. B. – podia fazer grandes interesses se fosse para o sul.

– Para o sul? – disse ele maravilhado deste nome de reino desconhecido no seu mapa-múndi.

«Sim, lá para a Estremadura e Alentejo.

– Lá tenho eu um delegado – replicou o doutor. Ora agora o resto da nação, Chaves e Almeida, esses vem aqui para se tratarem, e já sobe a quatro mil solitárias que tenho tirado.<sup>4</sup>

Não se crê a religiosa seriedade com que o ouvimos. É forçoso que os motivos de riso, por muitos que, a cada instante, nos surdem de todos os lados, nos tenham posto à prova da gargalhada! Por esta provação é que eu queria que passasse o filósofo grego que nunca riu.

Neste tempo em que os acontecimentos cómicos inçam a vida duma sociedade de transição, a hilaridade não cede a pequenos estímulos: o barão tornou-se indigno do riso, o jornalista que apregoa a integridade da sua consciência para alterar-lhe o preço, passa despercebido; a escola de canto da câmara municipal portuense não faz rir ninguém; um artigo de fundo, que aconselha ao ministro de instrução, pública o alvitre de a mocidade decorar obrigatoriamente as posturas da câmara, para formar por elas a rectidão do espírito, provoca a lástima, sem desarticular os queixos em estrondosa risada; finalmente, há uma só coisa que desafia ao leitor uru sorriso de piedade: é o conto, à laia deste, presumido de chiste, pretensioso de sal... sal tártaro, amados leitores. Eu poupo-me, e quero poupar-vos às grandes gargalhadas, desde que li, não me lembra aonde, que o poeta Filémon morrera de riso por ver um onagro comendo figos sobre um escritório. Se a gente vai a rir-se de quantos onagros comem figos, rebentam-nos as carótidas!...

A noite ia alta. Cabeceávamos todos e tínhamos de sair pouco depois. O doutor retirou-se a digerir.

Deram-nos quatro camas num quarto. Travou-se luta de morte, a travesseiro, entre nós, por causa do único leito de ferro, ingrato ao percevejo. Venceu-o de escalada E. B.

---

<sup>4</sup> Invoco o testemunho dos meus companheiros, se pensarem que eu estou aqui fazendo um romance de desgraçosa fantasia. Pudessem eu inventar, e seria menos insípido o conto.

Deitados, discutimos longo tempo a residência da solitária. Eu adormeci praguejando contra a anatomia do doutor. E. B. queria provar que ele era um goraz de casaca. J. B. teimava que o resto da nação, depois da Estremadura e do Alentejo, era Chaves e Almeida. L. B., com a vela em punho, rebuscava debaixo do travesseiro um percevejo imaginário. A projecção da luz dava-lhe o sombreado misterioso duma avantesma.

Às trevas seguiu-se o silêncio: ao silêncio o rressonar profundo.

Uma hora depois fui acordado pelos berros estridentes de E. B.

Amaldiçoei o primeiro homem que mostrou ser possível levantar-se a gente antes do meio-dia!

## VI

*Quem é a Aurora, e os seus maus costumes, e onde pua o primeiro marido dela, com grave escândalo das pessoas honestas. Diz-se que o autor, se não adormece, era poeta. Fala do seu cão, e dos moluscos condecorados. Elogio do diabo, autorizado pelo padre Antônio Vieira, e Jeremias. A civilização em Braga provada pelo café-forte.*

Os dedos rosados da Aurora afastavam a cortina da noite.

Aqui principio eu por uma figura que enche as medidas dos góticos admiradores do passado.

Quem hoje quiser ser original há-de recuar quatrocentos anos, exumar a linguagem fossilizada nos bacamartes, dar-lhe uma demão desta moderna argamassa, arripiá-la, afarfahá-la, e... tem um nome! O pior é se a mão desalmada da crítica vem ensaboar-lhe a tabuleta ao pasteleiro das cabidelas! Lá se vai o refolho da boneca toda sécia e franduna: descarna-se o viço, e derrete-se-lhe o caio, desfeito «como posturas de fidalga velha por ventos de suão» – palavras de F. Elísio.

Não corre tal risco o escritor que se esteia em autoridades maiores de trezentos anos. Aurora «com dedos de cor de rosa» é uma imagem contemporânea dos narizes: deixá-la ser; confesso-vos que não conheço outra mais singela, nem mais linda. Hoje diz-se doutro modo a coisa; mas não se entende! São falsas as cores, e hiperbólicas as imagens. Eu penso que encontrei a razão disto, e tenho a generosidade de revelá-la, sem estopar os leitores. É que os poetas, que vos dão em cada estio uma edição nova do nascimento da Aurora, erguem-se regularmente ao meio-dia, e fazem tanta ideia da Aurora como eu duma tromba marinha. Os que a podiam ver, à saída dum baile, põem a cabeça fora da vidraça, e o que tratam é de dar largas a um calo, que polcou entalado em verniz. Desses, a maior parte são jornalistas, e o que fazem é beliscar a imaginação cansada espertando-lhe duas ideias para uma notícia local, que deve ser lida pelo ansioso dono da casa. É então que o escritor sente o travo do fel, que lhe deram num cálix de vinho, cuja naturalidade fabulosa nem ao diabo lembra!

Enquanto à Aurora, essa pode nascer e morrer onde quiser, que o poeta tanto se lhe dá que os seus dedos sejam de rosa como de açafrão.

De mim digo que, se não fosse a Braga, tenho graves razões para crer que nunca teria o prazer de ver a Aurora!

Os meus companheiros disseram-me que, com efeito, era ela. E. B. tem-na visto muitas vezes, porque é um madrugador incrível! Já convivemos um ano debaixo das mesmas telhas, e todas as vezes que me levantei ao meio-dia encontrei-o sempre... a dormir. Ainda hoje conserva este amor às salutareas brisas da manhã, e não é raro encontrá-lo extasiado ante o crepúsculo..., da tarde, se dormiu um sesta confortativa. Já vêem que E. B. conhece a Aurora, e toda a sua família.

Sabe que ela é filha de *Titan*, de onde vem chamar-lhe *Titânea*. Sua mãe é a *Terra*, de onde lhe não vem grande honra, porque a terra também é mãe das batatas.

Em rapariga, a Aurora, fez travessuras que muito a desacreditaram na boa roda. Roubou um rapaz de casa dos pais, casou-se com ele, contra todo o direito canónico e constituições do bispado, e houve um filho por nome *Memnon* que morreu sem descendência. A estroina, que dava sério cavaco pelo marido, disse-lhe que pedisse o que quisesse. O tolo, em lugar de pedir estradas de ferro, disse que queria ser eterno! Ainda vive, pois, esta criatura, que foi a melhor cara do seu tempo. Não se persuadam, porém, que o homem está em veteranos. Não, senhores. Converteu-se em cigarra,

depois de muito velho. O marido da Aurora vive subterrâneo paredes-meias com o grilo, e recebe da formiga lições de moral económica. Que fim tão ordinário!

A Aurora era filósofa, desmandou-se da honestidade conjugal.

Uma vizinha, chamada *Procris*, vivia mansa e queda com seu marido *Céfalo* (aos maridos de hoje, na sua maior parte, é preciso antepor-lhes um a); e vai ela empalma-lhe o marido, faz que este mate a murro seco a consorte, e se case com ela! Não pararam aqui as suas imprudências. Os jornais da época falaram doutros amantes, e E. B. está em dia com todos estes escândalos; mas, respeitador das conveniências, só os diz a um ou outro amigo que não faça soalheiro deles. A mim coisa que me dizem cai num poço.

Entendi que era obrigatório pôr-me em êxtase diante da estrela que arraiava os confins azulados do céu.

Olhar para o clarão crepuscular, sem comoção, era rebaixar-me ao raso de um passageiro da Diligência, que vai às Taipas amolecer o reumatismo.

Puxei as orelhas à musa estremoitada, e quis engranar um hino matinal. O génio, esporeado pela hora e pelo local, deu-me dois versos que poderiam remediar, tirando ao primeiro três sílabas que o segundo reclamava. Faltava-me uma rima em

Penso que a tinha filado, quando no mais fêrvido arrobamento da inspiração febril..., adormeci! O que é uma vocação verdadeira! Como eu nasci para gozos pastoris, e quão deslocado me vejo em véspera de escrever um tratado sobre indústria fabril e ágio!

*On apprend à hurler, dit l'autre, avec les loups.*<sup>5</sup>

Nos instantes agro-doces em que dormitava, assaltaram-me saudades do meu quarto, onde, àquela hora, chegava apenas o guincho da leiteira, e o cacarejo de uma galinha choca da minha vizinha. Sonhava com o meu cão, que durante a sua vida de seis anos, era esta a primeira vez que me via, com os olhos rasos de lágrimas, partir sem ele. Não sei porque, é certo, porém, que me sinto sem uma porção de vida necessária à minha, onde ele não está. É um amigo que nunca me deu um desgosto, um apego que nunca me foi encargo, uma testemunha que nunca me traiu. Tenho duvidado da minha alma, estudando o entendimento dele. Tenho presumido que o Criador, arrependido de fazer o homem, – esta mescla de orgulho e de baixeza, de covardia. e de ferocidade, de amor e de ódio – ornou o ente, que vaidosamente chamamos *irracional*, de atributos que nos sensibilizam a alma, levantando-a em raptos de admiração e respeito à onnipotência que o tirou do barro comum. Não há respeito social que me impeça de vos dizer que tenho nojo dos homens, e dou aos brutos, que não ponham gravata nem comenda, o grande coração que preciso sagrar a algum afecto. Eu afago carinhosamente um gato, e choraria se visse pisar uma lesma dessas que se conservam na sua espécie, e não dos outros moluscos que, pelo facto único da sua posição vertical, teimam em pertencer a uma espécie, que a zoologia, ainda pobre em classificação, denomina *humana*. Impaciento-me contra os fabulistas que humanizaram os brutos para dizerem verdades amargas aos homens. Havia precisão de injuriar uma raposa, imputando-lhe as astúcias atraíçoadas de que é susceptível o animal carnívoro, que a mata, chamado homem, porque a raposa lhe agadanha a galinha que ele quer comer?

«*Maldito seja o homem que confia no homem!*» são palavras de Jeremias, que viveu há coisa de dois mil anos e passou o seu tempo a chorar a turpitude da sua raça, e da nossa, que piorou muito com a excrescência do contrato do tabaco e sabão, do cobrador da fazenda, e do conselho de saúde.

---

<sup>5</sup> Boileau.

O demónio para a conveniência e muito melhor sujeito que o homem. Se me não crêem, leiam o que o padre António Vieira pregou no quarto sábado da quaresma em 1652:

«Hão-de ver que Deus Nosso Senhor, tentado pelo demónio, venceu o inimigo sem grande esforço; tentado pelo homem, viu-se em apertos de que o salvou a sua divina coragem». Julgais que o demónio não tenha uma consumada literatura com que vos enriqueça o espírito? «O demónio e mais letrado, mais teólogo, mais filósofo, mais agudo, e mais subtil que todos os homens». Isto diz o Bossuet português; só lhe não chama «poeta»: mais uma razão para confiarmos no bom-siso do demónio, posto que eu muitas vezes pensei que ele trazia, pelo menos, a pontinha da cauda em algumas brochuras do meu conhecimento.

Nestas, e outras cogitações cismava a alma, quando o frio me espertou daquelas sonolências desagradáveis. Vi que J. B. ia na tábua, ao lado do sota, com a orelha recatada da brisa. E. B. espancava o sono esfregando os olhos, rebeldes às delícias matutinas. L. B. parecia-me de todos o mais mimoseado da poesia do local, porque levava os olhos no céu, e, de vez em quando, celebrava a beleza de uma moita tapetada de fetos, ou o recosto de uma colina frondosa de carvalhos.

O silêncio era profundo, interrompido apenas pelo *upa* animador do cocheiro, que raras vezes aproveitava a sua apóstrofe aos rocins fleumáticos.

L. B. interrompeu deste modo:

– É preciso almoçar em Braga. Lembro-lhes que é necessário pedir no botequim café-forte; não se pedindo do forte, dão-nos do fraco. Eu tive a felicidade de apanhar este segredo de cafeteira a um admirador da civilização bracarense no antigo «botequim». Disse-me ele, perguntando-lhe eu se os *cafés* eram bem servidos, que não havia mais que a gente pedir café-forte, e davam por um vintém uma taça de café ao pintar.

Com esta consoladora notícia, sentimo-nos espiritualizados. A certeza do café-forte deu-nos alma.

J. B. veio sentar-se connosco, e discorreu largamente sobre variedade de locomotivas que vira por esses mundos de Cristo.

Estávamos no *zig-zag*, a uma légua de Braga. Encontramos a *Diligência* parodiando em antítese a balada: *Os mortos correm depressa*. Ali, alguns vivos, para não realizarem a balada, vinham a pé. Fez-me impressão uma mulher encarrapitada na almofada «imperial»: vista lá em cima, hirta de frio, com a cabeça debaixo do braço, dava o ar triste de uma cegonha no pico dum fragoedo.

Há visões imorredouras!

Daí em diante, não conheço em Portugal nada mais belo! Que luxo de arborização! que verde tão gracioso o dos campos marginais! que borbulhar de águas tão claras, e que balsâmica fresquidão o daquele ar! O sol lustrava os cabeços dos montes, coava-se nas copas da quebrada, mosqueava o chão, e prateava os bagos do orvalho! Belo, meu Deus! é belo o que fazeis, se o homem não ousa mutilar as vossas obras, a título de aperfeiçoá-las!

Altos iam os nossos espíritos embebidos em meditações silenciosas, que não se escrevem. Desta altura calmos, quando cinquenta badalos, como em vasta oficina de caldeireiro, nos anunciaram que estávamos em Braga!

Olhei... vi quatro homens de capote a correr para a primeira missa: era em Braga efectivamente!

## VII

*Entram os heróis em Braga. Contam-se guerras antigas, e, por decência, ocultam-se as condições do convénio entre Braga e Porto. De como a mie ou a avó de Aníbal nasceu em Braga, e levou para Cartago a receita das frigideiras, gratas ao Cipião africano. Faia-se de pulgas e do socialismo, com outras coisas de muito estudo e aproveitamento para curiosos. O que aconteceu em remotas eras ao autor por não tirar o chapéu, na tal rua estreita que por nome não perca. Amores desmedidos do dito à vizinha do botequim, e a pesca do salmão, com outras minudências a respeito dos colegiais de Tui. Faz-se a apologia do café-forte, e chega-se à administração do correio.*

Eram seis horas da manhã quando, a parelha açodada pelo estalido do chicote, sempre pródigo das suas amabilidades à entrada de terras grandes, arrastava aos pulos o coche bambo pelas ruas fragosas de Braga, cognominada «Augusta» por política dos Césares, e condecorada com o epíteto de «fiel» no tempo em que o Porto, por força de rima, era «ladrão».

A respeito de Braga e Porto o melhor é calarmo-nos.

Há nove séculos pouco mais ou menos, entre o burgo portucalense e os galegos de além <sup>6</sup> feriu-se uma batalha em que os de cá saíram mal feridos nas costas, e muito mais mortalmente nas honras. O convénio, que os trouxe à paz, anda aí escrito nos cronicões. Tal é ele que faz pena e pejo contá-lo, porque vem lá um artigo, a respeito de mulheres do Porto e homens de Braga, que, em verdade vos digo, não conheço na antiguidade, a Idade Média, condições de paz tão ignominiosas para os vencidos.

Os de Braga, portanto, se quiserem, podem pôr contraditas ao adjectivo e ao advérbio com que os modernos decoraram a cidade *sempre invicta*. Vencida foi, e, se não extinta, deve-o às ultrajantes cláusulas com que pactuou a harmonia. É verdade que, séculos depois, em boa paz, voltou-se o feitiço, e as represálias fizeram-se de comum acordo. Obra foi da civilização, e da boa vontade das sabinas. Braço nu e débil de mulher pode mais que o armado e rijo do homem. A ela sempre vencida e vencedora, deve-se a cristã amizade em que vivem os descendentes masculinos, femininos, e até neutros, das duas cidades belicosas doutro tempo. A este respeito, os poucos lidos consultem frei Bernardo de Brito, onde eu li esta história, e *passim*, a das pílulas de barro damasceno de que foi feito o homem, e tudo curam; e a das éguas do Alentejo que concebiam do vento; e a dos lusitanos que fundaram Roma; e a da matrona de Braga que foi mãe ou avó de Aníbal.

Estávamos, pois, em Braga.

Não sei como se chama aquela primeira rua por onde a gente se embetesgou. Lembra-me que senti opressões de emparedado. Era já insofrível a calma. Respirava-se um ar miasmático das adufas que se abriam. Sentia-se baforadas de fartum que vinham de dentro das oficinas cavernosas. Nas adufas surdiam cabeças desgrenhadas do mulherio, menos recatado, que aventurava o nariz curioso ao estrépito da locomotiva. Nos sótãos estavam homens enfarruscados, coçando as pernas cabeludas, ou fisingando as pulgas no franzido da camisa menos clara que elas. Outros saíam, correndo terra-a-terra, embrulhados em capotes impermeáveis, vencendo com o estridor dos tamancos ferrados

---

<sup>6</sup> *Suevos* dizem outros para honrificar a ascendência dos bracarenses. Eu, porém, como amigo de Platão, sacrificio mais à verdade histórica, e esteio-me em Idácio... «*ad Bracaram extremam civitatem Gallaeciae*». (OLIMPIADA 309).



o ruído do carro, e escoando-se aqui e além, pelos átrios das igrejas, onde os chamava a berros desesperados, o badalo infatigável.

«Eis aqui um povo bem morigerado!» disse eu comigo, porque os meus companheiros não me pareceram então propensos a meditações graves. E enquanto os corcovos do carro foram compatíveis com a meditação, fui meditando:

«Eis aqui um povo que adormeceu rezando o terço e os versos de S. Gregório, e acordou para levar ao templo o coração lavado com que se deitou. Aquele capote, forrado de baeta, com este calor que faz, é sem dúvida um grande saco de penitência debaixo do qual se escondem os cilícios expiatórios, quando vão à missa, e o garrafão do verdasco, quando voltam para casa! Nesta rua passei eu, uma vez, ao anoitecer, vindo a Braga. Deste e daquele lado, estas boas almas rezavam o terço de meias. Eu passei com o chapéu na cabeça; mas com o espírito cheio de reverência aos bons costumes desta santa gente. Nisto, dum e doutro lado, suspende-se um *padre-nosso*, e rebenta uma ladainha de apóstrofes contra mim, a mais amável das quais era «fora, bêbado!» Descobri-me, quando me vi em perigo de levar com um pedaço de escumalha da forja nas costas, e fui abençoando o zelo desta santa irmandade, que aí está posta de atalaia à religião da humildade e da tolerância, para que se não diga que a pureza dela fugiu de todo desta terra, de onde ainda há portugueses de lei, raça sem mistura daquela que fez com as fogueiras o que esta, por mor honra e glória de Deus, quer fazer com a escumalha. Pudesse este espírito de caridade ser contagioso – continuei eu com as minhas seráficas reflexões – e os homens seriam todos excelentes criaturas, quebrar-se-iam reciprocamente as caras em defesa da fé, perdoar-se-iam as injúrias e afrontamentos que não valem para estes devotos uma palha; por exemplo, fraquezas, que uma refinada etiqueta chama desdouros, lapsos do femeaço, useiro e vezeiro neles, isso que tem, ou que faz para a salvação da alma? As raparigas, se as tivéssemos, davam-se à caução dos padres para que eles as retemperassem do sal que resiste ao ranço do vício; e, se por más artes de Lúcifer, Belzebu, Astarot, Uriel, Asmodeu, ou Diabo, a carne se contaminasse, e o último pequeno desse ares do padre que veio a casa exorcismar os estéricos da mulher, a coisa remediava-se com o terço à noite, missinha d'alva ou outro dia, e uma formal bebedeira ao domingo, em que se fariam as pazes, arranchando o padre com duas dúzias de frigideiras. Quão fácil não seria reorganizar assim a sociedade que tão afanosos traz os charlatães de elixires fourieristas, blanquistas, e proudonianos?! Liguemo-nos todos, se ainda é tempo, pelo terço; perdoemo-nos uns aos outros mutuamente as velhacadas que nos fizemos; reservemo-nos, porém, o caso exceptuado de quebrarmos a cabeça ao nosso semelhante, se ele a não destapar diante dos nossos nichos do Padre Santo António, e S. Torquato, que nos comem o azeite de meias com as nossas berças.

Tais foram as minhas reflexões humanitárias. Com mais vagar prometo desenvolvê-las, coordená-las, sistematizá-las, metê-las nos alforges de um deputado eleito pela minha terra, e ofertá-las *grátis* a um ministro fomentista. Prometo já daqui calafetá-las de modo que não façam água como todos os sistemas socialistas, naufragados no cachopo da prática. Hei-de provar que o terço em comunidade é mais humano e seguro sistema de associação que o socorro mútuo de Silvestre Pinheiro, onde a lei penal e a privação do direito de sociabilidade. Cá no meu sistema o instrumento penal é um só, único, indivisível: escumalha da forja».

E, neste discorrer, paramos na estalagem dita *Estrela do Norte*.

E. B. disse que ia visitar suas primas, e despediu-se por meia hora. L. B. perguntou ao primeiro encapotado onde era o botequim do café-forte.

J. B. e eu seguimo-lo com o intuito de espertarmos com o almejado café o espírito de análise, qual convinha a «touristes» de um tal ou qual calibre.

Mandaram-nos debaixo de um renque de arcos, no Campo de Santana, onde a mão civilizadora, em 1836, salvo erro, colocou o primeiro e único botequim bracarense. Lembra-me, faz hoje cinco anos, ver ali no batente daquela porta um molho de palha painça pendurado. Neste tempo, o botequim não era exclusivo do animal bípede: o viajero podia almoçar e mais o azemel na mesma locanda: o armário da cavaca e do pão podre <sup>7</sup> fornecia o grão e a palha para os dois fregueses económicos. Hoje, não. A botequineira, instrumento involuntário do epigrama aos seus conterrâneos, deixou de acumular os dois géneros de consumo, e desta vez não vendia palha, pelo menos com o cartaz à porta. Em compensação, as suas estantes de legítimo pinho amarelo medravam em aguardente de medronhos, licor de canela, e laranjas azedas.

L. B. pediu *café-forte*. O adjectivo, proferido com intimativa, deu de nós à botequineira uma ideia alta. J. B. falando francês, fez-nos talvez passar pelos contratadores da iluminação a gás, ou delegados russos que vinham fomentar a revolta. Os concorrentes, que tomavam as duas mesas, e nos fitavam espantados, era um lavrador, que sopeteava deliciosamente um enorme pão num copo de café em forma de sino com a porca para baixo: defronte estava uma mulher arremangada até ao ombro, fazendo em outro copo ensaios hidráulicos com rijas côdeas, rebeldes à molidão do líquido, ao que parecia do trejeitar dos seus queixos inválidos.

Eu, enquanto o café se preparava através dos filtros que lhe dão a fortaleza em Braga, fui comprar uma folha de papel para escrever para a terra.

Em cata do papel, tive ocasião de entrar na tenda contígua ao botequim, e vi uma moçoila espadaúda, escarlata, cachopa de encher o olho desdenhoso do mais enfastiado veterano dos salões. Estive, vai não vai, a pedir-lhe uma conta exacta das suas impressões ao ver-me; mas abstive-me de sondar os segredos do tecido adiposo que lhe pejava os subúrbios do coração. Retirei-me com a mulher entalhada na terceira potência da alma – porque sou extremamente espiritualista – e vim sentar-me a escrever a minha carta, enquanto L. B. lia um prospecto do cosmorama em Braga na noite daquele dia.

«Se viermos hoje ficar a Braga, de volta do Senhor do Monte – disse ele com a mais cómica seriedade – temos uma noite cheia.

– Porquê? – disse J. B.

«Vejam esse programa.

Lemos, e notamos, entre outros, dois quadros da exposição, que muito nos deviam deleitar, e instruir sobre dois factos importantíssimos, cuja averiguação nos tinha dado muito que cismar. Era o primeiro:

#### O MAGNÍFICO QUADRO DA PESCA DO SALMÃO!

A pesca do salmão!

Imagina o leitor, não visto na pesca da solha e do safio, o que é a pesca do salmão?!

J. B. tinha visto o *Louvre*, *Versailles*, *S. Marcos* em Veneza, *S. Pedro* em Roma, o *Túnel*, o *Lago di Como*, e declarou com o coração a rebentar de curiosidade e riso, que não fazia ideia alguma da *magnífica pesca do salmão!* L. B., e eu, que a respeito da pescaria, não vamos além da pescadinha marmota e da tainha, estávamos, como o outro que diz, parvinhos com a glória de entrarmos nas nossas terras a contar aos ignorantões, que nunca viram nada, a *magnífica pesca do salmão!*

Não riam uru riso tolo os tolos que só sabem rir. Eu conheço-os, dos que foram às duas *Exposições*, para se *exporem* aos nossos olhos, na véspera de irem, e depois de

---

<sup>7</sup> É o pão-de-ló de outras terras.

voltarem. Pois ninguém dirá que foram. Este, o que trouxe de lá, foi uma casaca comprada em Londres; aquele veio dizer aos amigos que o cavalo de tal *lord* tinha a cima pintada, e uma malha encarnada no jarrete direito; este outro duma água-furtada de Paris namorou uma colareja, e não ultrapassou a decência platoniana, porque não sabia francês. Todos eles com aquela *pose*, que lhes vedes, de homens que viram, se a instrução pagasse direitos de saída, crede-me que passariam na alfândega invioláveis ao fisco. São contrabando, sim, mas contrabando no senso comum. Estão aí postos em altura invejada do vulgo sórdido, porque o tendeiro pai, ou o almocreve avô, não podem vir da campa dar-lhes na cara com os tamancos e os calções de belbutina que lhes cá deixaram para *memento*. É o que os mata a eles, ainda assim, a visão dos tamancos e dos calções! Sandeus porque não ides ver, e contar à família o *magnífico quadro da pesca do salmão!*

Deixá-los: eles não lêem isto, nem lêem nada. Andam aí consubstanciados nos seus cavalos, e fazem de conta que vieram, porque eram cá precisos; e, medrados ao bafejo da estúpida fortuna, fazem da sociedade, que os acata, o seu incessante espolinhadouro. Meu querido tempo, e meu querido papel!...

Vamos ao outro quadro:

#### OS COLEGIAIS SAINDO A PASSEIO NA RUA DA CORREDOURA, NA CIDADE DE TUI

Quanto dariam vossas excelências, leitores, por verem os colegiais de Tui passearem, como qualquer de nós, na rua *da Corredoura*? A circunstância de serem de Tui, e a de passearem na rua da Corre-doura, é um facto que, se não palpita, pelo menos escoicinha de interesse! Abençoadas tintas e abençoados lentes que, por um pataco, nos raptam os olhos com maravilhas que a mais fogosa imaginação não traçaria! Que bem empregado pataco, se eu pudesse ver o expositor, *d'a près nature*, com uma albarda no dorso, e um colegial de Tui bifurcado nela!

«Venha o café, que tudo isto desafia o vômito» – disse J. B. enquanto eu arquivava na minha carteira este documento, que espero não seja o único das minhas explorações por estes mundos de Cristo.

Veio, enfim, o café; e, diga-se a verdade, era forte. Estávamos bem pagos da espera, e contentes do serviço. No acto do pagamento, muito queria a escrupulosa botequineira saber qual de nós tomara um bolinho, e qual dois, para seu governo. Que relevos para um quadro não inferior ao da pesca do salmão!

Saldadas com dificuldade as contas, despedimo-nos penhorados da senhora Brígida, ou como é que se chama, e, graças ao favor que devemos a sete ou oito encapotados que interrogámos, encontrou-se a administração do correio.

## VIII

*Capítulo sisudo, em que o autor se dá o sobreceño grave de escritor conhecido, senão na Europa, ao menos na sua rua. Vê-se o que o autor pensa dos tendeiros, e outras coisas aflitas.*

Antes de entrarmos no correio, paramos em frente do portão, enlevados num cartaz, lavrado em letra cursiva de bom tamanho e aprimorada forma. Lê-mo-lo, e L. B., a meu pedido, copiou-o textualmente.

O leitor erudito, de óculos e pitada nos dedos engatilhados, queria antes que lhe dêssemos a cópia de alguma inscrição romana. Que me importa a mim o que os romanos escreveram?! Digam-se e escrevam-se coisas que prestem alguma utilidade à gente.

O que passou, passou, e nós vamos passando.

Do saber ler há um só partido que tirar: aligeirar o tempo agradavelmente. O que por aí se chama instrução, erudição, sabedoria, ciência, é a mais oca das vaidades humanas.

O homem que morre, dizendo: «li muito» é um suicida, um néscio que se deserda dos prazeres da vida, um celibatário de todas as patuscadas humanas, que não serviu, sequer, para entreter senhoras numa sala.

Eu estou curado da febre intermitente do estudo, desde que a minha boa directora doméstica, económica, gastronómica, e até espiritual, me disse que eu escrevia muita *onzenice* que não valia nada. «Que importa saber o que disseram esses homens do tempo do *Bofelhas?*» pergunta ela, e tem razão. «Se a gente pudesse saber – acrescenta – o que há-de vir, então valia a pena estudar; mas saber o que passou é não ter em que empregar o tempo!»

Bem haja ela que me revirou o sestro das *onzenices* por melhor caminho. Os meus últimos escritos têm merecido o seu louvor, que não quero desmerecer, desafiando-lhe a justa cólera com inscrições romanas e outras que tais pataratices indigestas que encruam o estômago, e excruciam a paciência das pessoas de juízo.

Vamos ao que revê actualidade, e significa alguma coisa nos tempos que correm. Aí vem textualmente a cópia do cartaz:

*«Peira, Dentista e Cirurgião.*

*Põe toda a sorte de dentes artificiais. Limpa os dentes. Extrai-os com a maior Destreza, e raízes. Firma os que estão abalados cortando-os arralando-os e pondo-os em boa direcção. Tira-lhes a dor, chumba-os. Tira o mau cheiro da boca. Tira verrugas, cravos e calos. Tira a bicha solitária.*

*Residente á onze anos na cidade de Braga e ao presente no Hospedaria do sr. Fanqueira no «Campo de Santana n.º...»*

Eis aqui outro Herodes da bicha solitária! Convidei os meus amigos a procurá-lo em casa do senhor Fanqueira. Eu queria desmentir com este doutor em dentes o outro doutor lá de cima, e provar que Mr. Peira, vindo naturalmente de Paris para Braga, disputa a Gondifelos a eficácia da mezinha. Os meus amigos não anuíram. Algum dente que ainda me resta, como sentinela perdida em arraial onde se deu grande batalha, queria eu entregá-lo a Mr. Peira, para que ele mo *firmasse, cortando-o*; processo novo de certo, mas fácil para quem extrai um dente com a *maior destreza, e raízes*; o que eu

não sei é se ele também extrai raízes *com a maior destreza, e dentes*. Recomendo, porém, Mr. Peira, não só a quem tiver verrugas, cravos, e calos, mas também à autoridade administrativa e aos vigias da câmara, se lá os há. Um cartaz destes deve considerar-se entulho, e o cirurgião que tira *cravos* é melhor para os trazer que para os tirar.

A casa do cidadão, segundo a Carta, é inviolável; a porta da casa do cidadão deve também ser inviolável ao cartaz das asneiras. À sombra da realeza tem-se feito muitas, mas não sou de voto que se escrevam outras, debaixo das armas reais, que cobrem o portal da administração do correio.

Estas e outras anomalias significam tristemente a civilização bracarense? A ilação é injusta, leitores.

Braga não é responsável pelo café-forte da senhora Brígida, e pelo anúncio de Mr. Feira.

Se pedirem contas ao Porto do que por cá vai, há aí rudeza, asneira, tolice, e charlatanismo de que Braga pode desferrar-se com vantagem.

Nós cá temos os jornalistas que vão às Caldas, e mandam dizer ao colega que são visitados incessantemente pelos seus numerosos amigos.

Temos viscondes que fazem palácios, e mostram aos admiradores, como jóia de invenção architectónica, a pia em que lançam de molho o bacalhau.

Temo-los da mesma laia que se despedem de assinantes do jornal, alegando que o jornal, vindo sempre cheio de palha, não fala deles – (o grito da consciência! onde eles se procuram).

Temos directores de teatro que encarregam ao público a nutrição das bailarinas mancas, que puseram à mercê da sua protecção desonesta.

Temos *mulheres de borracha*, que outros chamam de *mármore*, que saltam para o proscénio e exibem ao público as piruetas exibidas ao particular.

Temos as locais do jornalismo em que se anuncia ao público e à Europa que José João Comes deu um pinto de esmola ao hospital do Terço, e o filho de Manuel José Pires fez exame de gramática latina.

Temos o orador comercial que enverga em dia duplex a farda de major de milícias brasileiras, e solta do peito o catarro diplomático e o discurso eriçado de asneiras vitorizadas.

Temos a *Assembleia*, onde, *status in statu*, se acoitam quarenta línguas que vibram a maledicência infamante, a calúnia afrontosa, e a saliva envenenada a extravasar da postema que enche lá dentro aqueles peitos gangrenados de corrupção senil.

Temos infames privilegiados, que puseram mordaza na opinião pública, e exercem a imoralidade, a patifaria, a velhacada, à luz do dia, mas velam a face com a careta do enojo se alguma reputação infeliz se deixa conspurcar com o exemplo deles.

Nós temos cá... leva rumor! O que nós temos cá é coisa que se não diz num folhetim.

A Providência pôs-me aqui no meio desta gente para alguma coisa. Os bons que esperem pelos meus primeiros seis volumes, e lá verão que na ordem dos entes criados não há um só sem missão a cumprir. Eu hei-de pintar esta gente.

Desdenham da civilização de Braga?

Um botequim onde a mocidade esperançosa joga o dominó até à meia-noite por não poder aturar a família; dez jornais que todos juntos não produzem nada em lhe faltando a polémica do *preto José Maria*, ou a estrada concelhia de Bouças; um passeio público onde se constituem grupos de leões inofensivos que conversam de manhã com o alfaiate, de tarde fumam o reservado charuto de pataco, à noite vão ao teatro domesticar com as piruetas de cabeça o colarinho percuciente, e educar os pés confrangidos no

polimento milagroso. É isto o que faz prevalecer o Porto a Braga em civilização?

A civilização não é isto. A civilização é a civilização. É tudo quanto quiserem menos tudo isso que por aí se inculca.

Ora agora, Braga.

Braga é uma terra original, típica, *sui generis*. Tem salões e mulheres que conhecem todos os segredos, a estratégia toda, a fisiologia subtilíssima dos amores do salão. Tem leões e leas. Tem crentes, cépticos, cínicos em ambos os sexos. Tem Renaulds e Lovelaces. Tem cavalheiros *da triste figura*, e Aldonsas Lourenzos... nunca encantadas. Tem Lucrécias e Fúlvias. Tem Clarisses de virtuosa isenção, e outras que, como a outra dos Provérbios bíblicos, *tergens os suum*, dizem: *nom sum operata malum*.

Onde há isto, o perfume da civilização rescende como o nardo dos turíbulos nas aras gentílicas da Cípris Calipígia. Onde o coração aspira este aroma, bebem-se grandes sorvos de vida, move-se a imaginação, electrizam-se os espíritos, vibram-se todas as cordas do peito, remoja a alma, embriagam-se os sentidos, variam-se as sensações, enrijecem-se os nervos, e centuplica-se a existência; enfim, reconhece a gente que está em país civilizado.

Lá, uma intriga de sala é um estudo em que medram os Balzacs. Quem estuda as paixões aristocratas de País, nos romances de Spiegel, cuida que Spiegel veio visitar o Senhor do Monte, e visitou em Braga os saraus do meu excelentíssimo amigo K., do meu excelentíssimo amigo Z., e do meu excelentíssimo amigo W. Há casos em que uma palavra aí proferida numa assembleia de cem pessoas, uma palavra não dita, nem escrita nem explicada por Samuéis, que os não há lá, alvoroça, agita, sacode, intriga, enreda, embrulha toda aquela gente, de modo que o dono da casa não sabe, nem já quer saber, por fim, se tudo aquilo se entende com ele, se com ela, se com eles, se com elas, se com o leitor, se comigo! A esta bulha, a este andar às aranhas um dono de casa, é que eu chamo civilização de sala, polícia, verniz, lustro, o que quiserem, da humanidade. Tudo o que não for isto é a barbaria, o escândalo, o *wisth*, o *boston*, o voltarete, e a busca de nove.

Digam-me cá os mancebos do Porto, as esperanças da *Praça-Nova* e da pátria, porque vão folgar, espairecer-se, deliciar-se à sociedade bracarense de vez em quando? Não acham lá bizarraria, franqueza, ingenuidade, confiança, agrados, cortesia que não deparam por cá, apesar do merecimento, gentileza, luneta, charuto e mais partes que concorrem nas suas pessoas?

Deles conheço eu algum, que, avezado a uma *excelência* que lhe lá prodigalizará a etiqueta, vai anualmente saborear as delicias que entre nós custam um baronato e uma carta de conselho. A *excelência* leva mais gente a Braga que a facilidade de transporte na *Diligência*.

Conheço eu um tendeiro do Porto que vende pernil de presunto, campeche, queijo nacional, figos de comadre, e vassouras. Este tal entrou por aquela rua estreita de Braga, espicaçando o fouveiro e acordando os ecos da velha catedral. Chega à estalagem, veste cuecas e camisa lavadas, faz a barba sai, fazendo estalar o chicote, acende um charuto no primeiro grupo onde se fuma, faz o elogio do seu cavalo, trota, recua, ladeia, galga, galopa, estaca, empina-se, apeia, estira e sacode a perna garbosamente cambaia, levanta a poeira de sobre os joanetes, pergunta pelas mulheres de Braga, recolhe-se a comer um frango com ervilhas, gaba à estalajadeira o *binho verde*, é cumprimentado, é levado a um salão, recebe impávido uma *excelência*, mazurca com a menina da casa, recolhe-se, dá quatro palmadas na anca da besta à qual deve a consideração de reflexo, e escreve ao vizinho: – *Cá estibe na assomblea dum fidalgo, isto aqui é bô!» etc.* Assim aconteceu com o tendeiro, e acontece em Braga com todos os tendeiros.

Que é o que eles fazem desde o marquês de Pombal para cá, os tendeiros? Obedecem ao impulso que lhes deu o grande marquês, inimigo entranhado da aristocracia. Relutam, reagem, erguem-se até poderem misturar-se, identificar-se, consubstanciar-se na classe que os não pode sacudir de si. Para eles, o nivelamento é a extrema raia do progresso; mas o nivelamento com os que estão em cima.

Ora, digam-me: a sociedade que os receber, e os acolher, e os igualar a si, sem descer até onde ela se acha – essa sociedade não será a mais ilustrada, a mais progressista de todas?

É, sim, senhores... A mais progressista e ilustrada de todas as sociedades é a de Braga, onde à cara suéz do meu fornecedor de queijo flamengo lhe assopram uma excelência, que tem só o inconveniente dele vender as seiras dos figos e nobilitar-se; ou para fechar a loja o mais breve que possa, emancipando-se do arroz e da manteiga levantar-me um vintém nestes géneros de consumo.

O inconveniente do progresso, que se leva a pontapés, é este. A excelência de carnaval, que se enxovalha em Braga, é um aguilhão que pica a vontade de recebê-la para cá dos *Maximinos*, e para lá da *Senhora-a-branca*, onde expira o diploma do título. Dessa ânsia, desse desejo ardente resultam grandes males sociais. O tendeiro será barão; mas antes de o ser, esquadrinhará todos os processos asquerosos, encherá a circulação de moeda falsa, enviará com ela o próprio Senhor dos Passos ao Brasil, venderá brancos aos que preferem esta veniaga à dos negros... Por Deus! uns, vendamos bacalhau; e outros, vendamos folhetins! Deixemo-nos estar aqui onde uma honesta indústria nos pôs.

Nossos avós, honrados burgueses, calçaram tamancos, e envergaram uma carocha. Já adiantamos muito.

Nós temos botas de cano vermelho, e reglãs.

Quereis *excelência*? Sede excelentes sapateiros, amolai canivetes com excelência, sede excelentíssimos capadores de leitões, rufai com excelência um tambor, medi o azeite com excelência, sede excelentes no vosso tráfico, e, se não vos agradam estas doutrinas, ide ao diabo, mas não vades a Braga vexar a delicadeza daqueles cavalheiros, que sofrem por cada excelência que vos dão um puxão de orelhas do senso comum.

Leitores, não se pode ser sério! O diacho dos tendeiros!...

## IX

*Apologia das mulheres, e o chapéu de E. B. De como os cavalos estiveram em paroxismos, e o sucesso inaudito que os salvou. Porque é que os garranos não cavalgam certos homens. A hospedaria real, e o que aí nos aconteceu, coisa pasmosa de ouvir-se. Infortúnio de não ser José Joaquim. Os percevejos e os godos. Faz-se crítica literária duma poesia, e apologia da Mesa da Real Confraria.*

Privados uma grande hora das salgadas observações de E. B., fomos bater à porta da família que o fizera esquecer de nós, e, se a miopia me não enganou, a preferência era racional. Mulheres, ainda que sejam primas, foram, são, e hão-de ser, cada vez mais a máxima formosura deste planeta. Se as tiram de cá, isto é imundo, a vida é um desterro, e a vaidade, o coração, a bravura, o talento, a glória são palavras sem significação. O que restaria? Um enxame de bípedes, agatinhando numa bola, feiamente achatada para os pólos, coisa ridícula, que fez dar risadas estrondosas àquele Micrómeegas habitante da estrela *Sírio*, de que fala Voltaire.

E. B. surgiu na janela, empunhando uma taça de café, na mais doce e cordial beatitude de estômago. O bárbaro, amanhecei4o ao romper da alva em casa de suas tolerantes primas, fizera saltar a cozinheira estremunhada do sono matutino para a cozinha. E. B. duvidou do café-forte em Braga, e, como todos os cépticos, fez vítimas. Lá, do balaústre da varanda, Pilatos de si mesmo, mostrava-se-nos; e nós, ralados de inveja, judaizando, estivemos quase a bradar à família que o crucificasse.

Aninhados na carroça, começamos a transpirar copiosamente. A testa brunida de L. B. gotejava como uma catarata. J. B. soprava como um Eolo de fraque. E. B. contava-nos em estilo inspirado a excelência do café, a pureza do leite, e as delícias do pão quente com manteiga. Eu, cobrindo-me com a manta-xaile, se não estivesse tão safada a imagem do César cobrindo-se com a túnica, diria que um raio do sol oriental se me coava pela cabeça, ardente e pungente como o punhal de Brutus.

Oh! a suavíssima estrada por onde subimos para o Senhor do Monte! Aquilo é que é o desconjuntarem-se as molas do carro, o partirem-se os cavalos pela espinha, o desarticularem-se os fémures à gente! Cada barrocal, cada corcovo, em que se deslocava uma entranha da sua inserção primitiva! hinos ali todos enovelados como embrulho de aneudos, mas anélidos ossudos, e agudamente ossudos. A cada balanço, seguia-se a desordem, a anarquia dos joelhos, a deslocação, e o pavoroso «*sauve qui peut!*» Jogávamos o jogo dos cantinhos: era uma agitação diabólica, fantástica, indescritível, coisa só comparável a si mesma! No remoinhar convulsivo destas massas, em que eu também era massa, avultava o supradito chapéu de E. B., que algumas vezes saiu com o dono mal ferido dos recontros. Lembra-me vê-lo, num desses conflitos, com a copa em forma de triângulo obtuso; outra vez, assolipado por uma gebada afigurou-se-me uma bacia de barbeiro; por fim, passou ao indefinível, assumindo todas as formas fantásticas de que é susceptível um chapéu de insondável profundidade e elastério.

Nesta angústia, os cavalos estacaram. Não era a indecisão cio burro de Buridan que os sustinha: eram as vascas da morte! A parelha derretia-se no suor glacial do trespasse. Parecia de manteiga. O sota, consternado, o semblante lagrimoso, e verde de susto parecia pedir-nos que apeássemos. E. B., obdurado e descaridoso, não queria sair de entre as bambinelas da doma. Os outros saltamos para testemunhar a catástrofe em terra firme. E. B., o pertinaz, cedeu por fim às exclamações do orador *pro equibus*, e desceu.



Coincidência desastrosa! Dois lorpas, vindos <sup>1</sup>de cima, bifurcados em garranos de uma transparência ideal, ao perpassarem por nós, deram de esporas nos ilhais membráceos dos bichos, para nos darem deles e dos garranos consubstanciados uma alta ideia. Era muito para ver-se! Foi um distribuir de coices espantoso para todas as direcções possíveis na estrela dos ventos! Nós, inermes e espavoridos, achatámo-nos com as paredes, dando *place au droit...* do coice, o que a nenhum de nós acontecia pela primeira nem pela segunda vez, e tem de acontecer muitas outras ainda...

A nossa parelha, ferida nos brios como o leão da fábula, guiou as orelhas, assoprou um resfôlego de bravura senil, e correspondeu com dois pinotes tersos e compactos na anca dos rocins, espécie de quilhas de barco saveiro. Foi um expediente feliz! Os garranos compartilhando em desastres e glórias com outro quejando do fidalgo manchego, recuaram até à parede, e, no estupor mudo em que ficaram, pareciam culpar os donos como responsáveis daquela indecorosa saída! Quando veremos nós certos garranos cavalgarem certos homens, e não estes àqueles? Quando a fraternidade não for uma palavra vá.

Galvanizados pelas fortes comoções, os nossos triunfantes cavalos cobraram espíritos, tossiram impacientes, e, graças ao estrépito do chicote, treparam gemebundos, com o carro vazio até ao cimo da calçada precipitosa. Daí ao Senhor do Monte é incalculável o líquido caudal que nós, quatro esponjas humanas apertadas pelo calor, distilamos.

Não dizíamos palavra. A poesia ia-nos literalmente aguada. A floresta balsâmica, fresca, e encantadora passámo-la sem levantarmos os olhos das escadinhas íngremes. J. B. ainda quis aspirar um sorvo daquele frescor, e talvez saudar com um êxtase do coração natureza tão rica. Eu, que sou pássaro bisnau nestes enlevos poéticos, quando a camisa suada se cose ao corpo, disse-lhe que aqueles seus arrobamentos importavam um defluxo, um catarro, uma pleurite, uma pneumonite, uma laringite, e uma gastrite. J. B., aterrado por este índice patológico, fugiu escada acima a meter-se na hospedaria, que se diz *real*.

Realmente taverna!

E eu vos conto.

Agora, leitores sejam tolerantes comigo. As damas, que vão ler-me, previnam-se com um frasco de espírito de cravo. Não chamarei às coisas pelo seu nome como Boileau; porém, farei que a penetração do leitor supra a clareza da frase.

Almejando uma cama onde refossilássemos as relíquias de vida que salváramos da tormentosa jornada, chegamos à *hospedaria real*, e pedimos um quarto com quatro camas. «Não há senão dois quartos com três camas» respondeu um gamenho em socos e mangas de camisa cor de açúcar mascavado. – Mas nós queremos quatro camas – replicou-se. «Só se for uma no soalho» redarguiu o bruto coçando os cotovelos.

Transigimos, recomendando-lhe que nos desse lençóis lavados.

Entramos pela cozinha, e descemos para um corredor, marginado de quartos, em forma de penitenciária. Vimos aí uma ama de leite cantarolando com sete rapazitos que grunhiam atrás dela. Logo tive isto como ruim agoiro.

Abriam-se-nos os quartos, e eu fiquei com J. B., protestando dormir seis horas. Não reparamos na limpeza, nem na porcaria. Deitamo-nos, e acareamos o sono falando não me lembra em quê. Dali a pouco uma voz argentina de mulher falou à porta... Preparem-se para unia aventura. Vão ver que as cenas românticas não são exclusivo de Paris; podem dar-se em qualquer taverna de Portugal.

Alguma coisa extraordinária deveria topar o leitor nesta cadeia de vulgaridades chãs, e chatas. Chegou a ocasião.

Era, pois, uma voz argentina de mulher; daquelas vozes que se vos filtram peito

dentro até à fibra mais recôndita do pericárdio, que é a bolsa do coração, posto que a bolsa e coração sejam incompatíveis.

E aquela voz soava-me nos ouvidos dulcíssima e simpática como a ouvira.

Ovídio de Coma;  
Ariosto de Alcina;  
Dante de Beatriz;  
Petrarca de Laura;  
Miguel Anjo de Colona;  
Bocácio de Fiameta;  
Tasso de Leonor;  
Camões de Catarina;  
Rafael de Fornarina;  
S. Francisco de Sales de M.<sup>me</sup> Chantal;  
Mirabeau de Sofia;  
Fénélon de M.<sup>me</sup> de Guion;  
Voltaire da Landgrave de Bareith;  
Goethe de Betina;  
Chateaubriand de M.<sup>me</sup> Récamier;  
Leopoldo Roberto de Carlota Napoleão;  
Espronceda de Teresa – (até certo ponto).  
Isto é que é saber vidas alheias.

Era, pois, uma voz argentina a daquela mulher. O coração dava-me pulos no peito.

Ouvi-la, e morrer, meu Deus!

«Ó José Joaquim!» – dizia ela.

Quem será o ditoso mortal que se chama José Joaquim? – dizia eu a J. B.

«José Joaquim!» – repetiu aquela voz feiticeira.

Bole-se na aldraba... a porta chia...

É ela! Visão febril!

Meteu dentro um segmento de cabeça, viu-nos na atitude inocente do homem primitivo... recuou, e eu, para salvar a honra surpreendida e a natureza sem artifícios pilhada em flagrante, soltei um ronco estrídulo como o dos sete dormentes reunidos.

E a voz dulcíssima calou-se para nunca mais se ouvir!

E acabou-se o conto. Tudo o mais que os meus imaginosos companheiros disserem não é verdade.

Desde então para cá não sei o que se fez em mim de tétrico e sepulcral! Quando oiço proferir *José Joaquim*, tenho febre, e mando para a botica a garrafa de tisana. Se me é lícito parodiar Ganganelli: «disso hei-de morrer» ou da gota. Há homens que nasceram para o amor: deixem falar a Stael. Porque não nasci eu *José Joaquim*!?

Agora, uma pedra sobre este acontecimento: não haja só pedras para os processos de notas falsas, e para as sindicâncias judiciárias. Não se fale mais nestes três escândalos.

Bem-aventurados são os que dormem. Eu e o meu infeliz companheiro de quarto não provamos a consolação do dormir. Uma horda de percevejos, saída das furnas dum velho catre de cerdeira, estendeu-se em atiradores sobre o meu braço esquerdo, e daí convergiu em pelotões, que manobravam entre a primeira e duodécima vértebra dorsal. O quartel general era no pescoço, e os piquetes estendiam-se até ao calcâneo, em ordem de batalha que fazia inveja às milícias de Tondela.

Eu dei um salto como Guliver inçado de liliputianos; soltei um grito estrídulo como o do homem apunhalado traiçoeiramente pelas costas J. B. ergueu-se hirsuto e pávido, vociferando imprecações contra o assalto inopinado dos percevejos, que à

maneira dos últimos godos, saindo da sua Covadonga de pau amarelo, lhe vinham de arrancada sobre os tecidos adiposos. Conceda-se a uma dor legítima esta analogia entre o percevejo e o godo.

Saltamos fora dos leitos, e abrimos as janelas. Os covardes retiravam em desordem, rareadas as fileiras. Nós contemplávamos, pálidos e enfiados, aquela canalha vilã.

Era impossível reconquistar o sossego. Lamentamos de cócoras, como Mário em Minturnes, o nosso infortúnio, e entramos a ler as inscrições das paredes.

Não é prudente nem preciso dar de todas exacta conta. Na sua maior parte são inocentes asneiras:

Aqui é um glutão que nos declara que estivera ali a comer (não diz o quê) e mais o seu compadre João, no dia tantos de tal. Ali é um sandeu que levantou das patas dianteiras e rabiscou na parede umas trovas que consagra à sua amada, que deve ser um fêmea digna de tal varão. Acolá é um abaixo assinado de muitos que atestam terem comido bem, o que lhes não há-de acontecer este ano de carestia de feno. Enfim:’

..... *la canaille*  
*Écrit son nom sur le muraille.*

Uma quadra que eu conservo de memória, com a sua ortografia, é esta:

Ó sñr. do monte, tende cuidado  
Cos mezarios que vos servem que são ladrões.  
Comem mais do que vos dão,  
E engulipam três partes das rações.

Esta coisa tem tal ou qual filosofia, enquanto a mim. Se estivesse em prosa, valia a pena de ser estudada, esgaravatada, e dissecada até encontrar-se a incógnita do problema.

Vê-se que o poeta (porque não há-de ser *poeta*?) aconselha o Senhor do Monte que se acautele dos mesários. É ousadia ímpia dar conselhos ao Mestre por excelência. Nem Judas, nem Pôncio, nem Caifás, ousaram tanto. Chama concussionários aos membros da Mesa... porque comem mais do que o Senhor do Monte. Pudera não comerem! Os devotos mesários comem como comeram já outros mais devotos que eles. Se o poeta reparasse na primeira capelinha à direita, veria que os apóstolos comeram um cordeiro assado, e os cristãos primitivos pouco mais faziam, nas catacumbas, excepto a oração, que não é menos frequente em Bragal onde a semente evangélica em ano fértil dá um por cem. Acrescenta o truculento e ominoso poeta que os ditos mesários engolem três partes das rações. É engolir de mais!

Protestamos contra a calúnia torpe e sandia. Os mesários do Senhor do Monte não desviam um ceutil da pia aplicação dos devotíssimos romeiros e beneméritos esmoleres que enriqueceram aquela tão útil como piedosa confraria. De tempo a tempo, dá-se uma mão de cal e vermelhão à cara dos judeus, feios bichos que estão ali para desmentir a história, e a proverbial formosura da raça judaica. As guitarras e banzas dos anjinhos são também pintadas de vez em quando. As guardas das escadarias são argamassadas com frequência, e sarapintadas de cal. A cal, branquinha como as almas cândidas dos mesários, predomina, e uma direcção virá que mande cair as árvores, assim como já outra quis cortar o arvoredado para que de longe se vissem alvejar as capelinhas. Não será possível dar duas pinceladas de cal nos veneráveis frontispícios desses lorpas?

*Item:* a actual mesa para maior grandeza do culto, vende uma fitinhas que são a medida do braço do Senhor do Monte, nómina muito milagrosa que todo o fiel cristão

deve comprar por oito vinténs, bem como um livrinho que explica os emblemas das capelas, que já inspiraram ao senhor Forjaz de Coimbra, um livro capaz de provocar a paciência dum Silvío Pélico.

*Item...*

No capítulo imediato, recomendo às leitoras que abram o frasco do espírito do cravo.

## CONCLUSÃO

*Vê-se que não é preciso o frasco de espírito de cravo, O autor apostrofa o tascante, e apela para o nariz do senado bracarense. Vota-se pelo bacalhau, e conta-se como suspirou E. B. De como sentíamos quase nada, e o mais que se disser a respeito da mulher encadernada em homem. A senhora dos olhos bonitos, e diz-se o que Hamlet seria se comesse bacalhau. Alarido da canalha. As pernas da matrona, e o que é um fidalgo de estadulho em Braga.*

Podem inutilizar o frasco, minhas senhoras. O autor reconsiderou o plano deste capítulo, e deve-se a reforma ao olfacto melindroso dum amigo que me fez sentir o mau cheiro dos elementos que deviam entrar na picota onde eu queria expor ao azorrague e as moscas o taverneiro estabelecido no Senhor do Monte. Há um só género de escritos em que poderia tolerar-se a colocação que eu tinha de empregar aqui: é em agricultura um artigo sobre adubos. Aí, graças a Deus, não vão as senhoras buscar passatempo, e o escritor, fiel à ciência e empenhado em propagar os melhores sistemas de engrossar as terras, pode impunemente cheirar mal, e instruir os seus leitores agrícolas com importantes lucubrações sobre a matéria que, de vários feitios, matizava as colchas que nos deram na *hospedaria real*, de suja recordação.

Procedimento três vezes infame!

Quando os nossos olhos mortais acharam este foco de infecção, sentimos espasmo no esófago, e estivemos a lançar naquele chão maldito o café-forte de Braga. Fôramos ali como a um manancial de inspirações saudosas, e encontramos uma Aganipe de... donde beberam, talvez, os poetas que decoraram as paredes daquela sentina. Nunca os beiços se te descolem dessa fonte, taverneiro ignóbil! Já que não aproveitais as grossas nascentes, que te jorram à porta, para lavares o teu bragal, ainda eu te veja, sicário, reduzido, não a pó, que é esse o comum destino da humanidade, mas... Para eles são vozes no deserto estas apóstrofes; mas, se elas chegarem aos ouvidos e ao ilustríssimo nariz da câmara municipal de Braga, a ela incumbe vigiar o quarto ou cloaca nº2 da imunda tasca, e remover dali aquelas colchas, fumigar aquele quarto, e desalojar o sórdido taverneiro que ali está envergonhando a terra, provando que ele é mais imoral do que foram todos juntos os judeus das capelas vizinhas.

Anojados e frenéticos corremos ao quarto dos nossos rapazes a relatar o escândalo. E. B. regougava que o deixassem dormir, transigindo assim momentaneamente com a impudência. L. B. pediu com ânsia umas peúgas, e saltou da cama, lívido de terror. Então juramos não passar ali a noite, e reunimos em sessão para decidirmos o que devia comer-se menos susceptível da influência suja do cozinheiro. Meditada profundamente a proposta, e recolhido cada qual em sua consciência, levantaram-se todos como um só homem e prorromperam em vozes unânimes, dizendo: – «Nós somos livres, o nosso estômago livre é, e assim queremos bacalhau».

E. B. viera juntar o seu brado à causa da justiça e da moralidade. No instante solene em que o nosso futuro era resolvido por um desses arrojados convulsivos de que depende a emancipação dum povo, o apoio do nosso amigo, antagonista racional da prepotência ignóbil, e apóstolo ardente da máxima liberdade, devia necessariamente pender para o bacalhau. Assim é que se dizem as coisas. O palavrão garrafal vem aqui a frisar com muita mais justeza do que no-lo impingem por aí os assopradores da política, que raro decidem coisa mais momentosa.

Enquanto o bacalhau se cozia, fomos desenojar-nos com o ar puríssimo do

arvoredo.

A brisa espanejava entre a ramagem as asas murmurosas. O estrépito das bicas quebrava a saudoso silêncio da selva. O sol, coando a custo a copada abóbada, mosqueava a relvosa colina sobre que nos deitamos como quatro sátiros aposentados.

Houve silêncio de alguns minutos. Foi E. B. que o quebrou assim:

«A mim disseram-me que enviasses daqui um suspiro, nas asas da saudade, ao coração saudoso... não direi de quem, porque o amor mais santo é o que mais se resguarda no santuário do mistério. Um suspiro saudoso! Como darei eu um suspiro?! É forçoso que se cumpra o sacrifício». Disse, e soltou um som cavo, coisa inclassificável entre o arrote e o espirro.

Não sei se os leitores se riram; eu não pude. Aquele gracejo para mim foi um incentivo de mui dolorosa meditação. E não pude guardá-la só comigo: revelei-a assim aos meus amigos:

«Se nos aqui reuníssemos antes dos vinte anos, E. B. não teria senão um suspiro em caricatura com que saudasse neste lugar a memória de uma mulher? Os nossos corações teriam, apenas, uma ironia para celebrar debaixo deste céu o amor? É bem lastimável esta aridez de quatro homens, três dos quais não há muito que se revelavam nos versos paixões profundas, êxtase do céu, amores incendiários, saudades santas de uma outra vida que não é esta! Que almas tão decaídas as nossas! Este local é como um padrão onde devem vir aferir-se os corações que perderam no mundo o seu valor. Quem não traz para aqui a imagem de uma mulher que possa cá purificar-se em imagem de anjo, é bem infeliz! Pois nem ao menos uma saudade do que fomos? nem a esperança pode já reviver? Que sentes tu L. B.?

– Nada.

«E tu, J. B.?

– Nada: estou prodigiosamente estúpido. Preciso estar calado.

«Mas no silêncio o que ouves? o que dizes?

– Nada: é um caos de ideias, sem significação.

«E tu, E. B. que sentes?

– Vontade de jantar. Essas perguntas são vás e pretensiosas. Trinta anos passados, volta-se a ampulheta. Os bagos que caíram até aos trinta anos eram de ouro; os que se coam depois são de areia. Uma bela natureza é o esmalte do mundo que as ilusões nos dão. Eu hoje diante deste quadro não posso senão sentir a admiração do artista. Digo com Rousseau: «A natureza, para os meus olhos, está morta, como a esperança no fundo do meu coração». Sou um vegetal como estes vegetais, mas não tenho como eles quatro estações; só tenho o inverno, a sazão das nortadas, que, não tendo folhas que me arrebatem, passam por mim com um rugido lúgubre. E mais nada. É chegada a tua vez: e tu que sentes?

Eu ia dizer o que sentia, quando divisei dois vultos sentados à sombra de uma árvore. A aparência figurava dois homens, e um deles trajava uma blusa preta, calça branca, e chapéu de palha de largas abas por debaixo do qual desciam sobre as espáduas tranças desajeitadas. Era uma mulher. Tinha semblante de quem sofre muito. Disseram-nos depois que se encontrava muitas vezes chorando ao pé daquele homem. Era francesa, e poderia ter sido formosa. Ele era também francês. O segredo daquelas duas existências não pude devassá-lo. Que lágrimas seriam aquelas? Ali, naquele local, tão perto do céu, com o testemunho de Deus tão visível ali, nas maravilhas da criação, que bárbaro teria a ferocidade de fazer chorar uma mulher? Porque se vestia de homem? Seria um capricho ou uma necessidade? Curiosidade infecunda! desespero de romancista que julgou apanhar ali um romance em flagrante!

Eram horas de jantar. Um legitimo pejo empece-me de dizer-vos que jogamos o

dominó enquanto se ordenavam na mesa uns ferruginosos talheres de chifre. Ao passo que maquinalmente fazia jogo, apascentei estes honestos olhos, que a terra há-de comer, num rancho de senhoras portuenses que nos estavam defronte airosamente sentadas ao pé duma fontinha, frescas como ela, e graciosas como as dríades naturais daquela fonte.

Uma, que deve ser incentivo de vaidade para seu marido, vencia em graça as donzelas que lhe não desbotavam os encantos. Não sei de olhos mais bonitos, nem de cabelos negros que tão bem dissessem com o marfim do colo! Não sei quem ela e, nem conheço o ditoso cônjuge; mas não sirva isto de embargo aos meus parabéns a ela e a ele. Vivam muitos anos, e tenham muitos meninos, que eu vou comer o meu caldo negro de Esparta que corresponde ao bacalhau de Braga.

Foi um devorar homérico! Tudo o que está dito na *Gastronomia*, poema de Berchoux, é inferior àquilo. Para um auspicioso sistema de compensação, conheci que a vitalidade dos meus amigos refugira do coração para outra víscera dos subúrbios. Provou-o o elastério do estômago, e levou-se à evidência que as brisas e água fresca não eram suficiente alimento para nós. Nunca Shakespeare ousaria dizer que Hamlet vivia de ar e esperanças, se o pobre moço, em vez de andar à bordoadá com o padrasto, viesse até ao Bom Jesus de Braga impregnar-se da molécula saborosa do bacalhau. Inaugurada a realza do estômago, como prova do máximo adiantamento, é difícil morrer de pena que não seja a de uma indigestão.

Foi justamente a morte que eu muito receei lá em cima. Ficamos num espasmo de três horas, depois de jantar. Confesso que me pareceu feia a natureza, e até feias as mulheres que me sorriam divinas quando o bacalhau não era ainda metade da minha existência vegetal. Este estilo ressentia-se do meu estado de então.

Emalamos, e partimos para Braga.

Dentro do carro, fomos rodados de modo que o regurgitamento cedeu aos choques.

Entramos na cidade ao lusco-fusco.

Desde a entrada até ao campo de Santana fomos recebidos com assobios e guinchos, e mugidos dos garotos, aprendizes de chapeleiro, que vinham as portas das oficinas ganir. Os nossos antigos descobridores quando saltavam em praia de bárbaros eram assim recebidos. O mais é que os patrões das oficinas pareciam folgar naquele alarido da canalha. Que terra! Aquilo poderá ser gente? O que lhes vale é o terço depois que uivam. Para que quererá Deus lá em cima semelhantes alarves?

Chegamos à hospedaria da *Estrela do Norte*.

Vimos um par de grossas pernas de uma redonda matrona que se estirava o mais comodamente que se pode sobre uma cama, e dava *grátis* o espectáculo aos que lhe passavam diante da sua porta. Pareceu-nos bastante ingénua a nossa vizinha de quarto! Os comentários às pernas foram interrompidos por um robusto «aqui-d'el-rei» que vinha da rua.

Saiba-se o que é isto. E. B. desceu à rua, e nós fomos à janela. Vimo-lo enovelar-se na mó do povo que se apinhava em redor da vítima lamuriante.

Depois lá de baixo cá para o segundo andar, E. B. com toda a força dos seus pulmões, exclamou:

«Foi o fidalgo que lhe bateu».

Apenas proferida a palavra «fidalgo»! todo aquele gentio escoou-se pelas travessas laterais, e o cidadão bracarense, desamparado, achou que era queda sobre o coice do fidalgo enrouquecer gritando pelo rei, que valia menos ali que o cabo de polícia.

A história era simples. Um homem do povo ousou murmurar do fidalgo que atropelara com o cavalo uma velha. O fidalgo apeia, desencrava o estadulho dum carro,

e fá-lo ir a terra. O espancado grita, o povoleu escorre em tropel das betesgas vizinhas, quer saber quem é o facinoroso. Diz-se que é o fidalgo: a corja dos vilãos despeja o fórum e vai exercer a sua dignidade de homens rezando o terço, e assobiando aos forasteiros que entram, ou apedrejando o incauto que se não descobre.

Vou concluir.

Passamos uma noite atormentada. A legião dos percevejos lá de cima tinha destacamentos cá em baixo. L. B. e E. B. andaram três horas com os enxergões às costas. Eu descobri na minha cama um animal novo; não era bem um insecto nem molusco; repeli-o com toda a força da minha indignação, e adormeci.

Às três horas da manhã estávamos em marcha. Os dois irmãos Barbosas para Viana, sua bela pátria: Evaristo Basto e eu para o Porto.

Agora seriedade:

No abraço de despedida, conhecemos que ainda tínhamos coração, um grande coração para a amizade. Estremem-se todas as facécias desta bugiaria, e confesse, um por todos, que, apesar de tudo, tivemos dois dias de felizes risos. Tomáramos nos outros dois assim!

Os meus amigos em suspeitando que têm bicha solitária, dêem parte. Eu de mim desconfio que tenho duas, mas as *probalidades físicas* são as mesmas.



\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho a partir da 3ª edição,  
última revista pelo autor (1868). Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*